



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM E PARA OS DIREITOS
HUMANOS, NO CONTEXTO DA DIVERSIDADE CULTURAL**

VANDA MARIA APARECIDA DA SILVA

**CRIANÇAS BRINCANDO COM CRIANÇAS:
DISCUTINDO CONCEPÇÕES SOBRE DIVERSIDADE
CULTURAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Brasília
2015

VANDA MARIA APARECIDA DA SILVA

**CRIANÇAS BRINCANDO COM CRIANÇAS: DISCUTINDO CONCEPÇÕES
SOBRE DIVERSIDADE CULTURAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação Lato Sensu, da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de especialista em Educação em e para os Direitos Humanos, no contexto da Diversidade Cultural.

Orientador: Suellen Neto Pires Maciel

**Brasília, DF
2015**

Dedico este trabalho aos meus alunos do 2º Período “A”, que tornaram possível a realização deste projeto, questionando a realidade e propondo um mundo melhor.

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente a Deus, por manter a minha fé nos momentos mais difíceis e por mais esse sonho concretizado;

À minha tutora Polianne Delmondez, que incentivou-me e norteou minha busca pelo tema;

À minha orientadora Suellen Neto Pires Maciel, pela paciência e incentivo, não medindo esforços para mostrar-me os caminhos a seguir;

À minha orientadora da Abnt, Daniele Cadête que estava sempre disponível para auxiliar-me;

À todos que de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho.

Muito obrigada!

A principal meta da educação é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas, não simplesmente repetir o que outras gerações já fizeram. Homens que sejam criadores, inventores, descobridores. A segunda meta da educação é formar mentes que estejam em condições de criticar, verificar e não aceitar tudo que a eles se propõe. (JEAN PIAGET)

RESUMO

Este estudo trata-se de um projeto interventivo, que utiliza como objeto de intervenção a boneca Mariana, que possui uma deficiência e é apresentada como uma criança na sala de aula. Neste trabalho, pretende-se verificar como as crianças da educação infantil percebem e convivem com as diferenças. Desse modo, esta pesquisa possui uma abordagem qualitativa. A pesquisa bibliográfica do presente trabalho foi embasada à luz de autores como Vygotsky (2001), Piaget (2005), Pimentel (2012), Martin (1995), Pulino (2014) entre outros que apresentam estudos e dialogam sobre a temática. O capítulo dois é a apresentação do “Projeto Convivência” para os pais/responsáveis das crianças, antes de iniciar o Projeto-Interventivo para defesa de monografia da UNB. O capítulo três introduz a boneca como mediadora dos debates sobre a diversidade cultural, enquanto Pulino (2014), esclarece que todos habituaram-se a denominar o “outro”, que é o ser humano de um modo geral. Também fala da importância das “brincadeiras de faz-de-conta”. No capítulo quatro ocorre o esclarecimento sobre diversidade, que é “a qualidade daquilo que é diverso, diferente, variado, conjunto variado, multiplicidade”, e que também a cultura contribui para que cada ser humano adquira características próprias de como vestir-se, pensar. Enquanto o capítulo cinco analisa como as crianças entendem os conceitos de inclusão, respeito às diferenças. Turner (1984) fala sobre a criança bonita, gentil e da influência que isto traz, mas não faz com que ela seja incluída em todos os grupos e Barbosa (2007), diz que não são apenas os pais que transmitem a cultura, mas todos que convivem com as crianças, de modo especial, os irmãos mais velhos.

Palavras-chave: Diversidade Cultural. Educação Infantil. Crianças.

RESUME

This study deals with an interventionist project, which uses as an intervention object to Mariana doll who has a disability and is presented as a child in the classroom. In this work, as it is intended to check the children from preschool perceive and live with the differences. Thus, this research has a qualitative approach. The literature of this work was based in the light of authors such as Vygotsky (2001), Piaget (2005), Pimentel (2012), Martin (1995), Pulino (2014) among others that present studies and dialogue on the subject. Chapter two is the presentation of "Coexistence Project" for parents / guardians of children before starting the project-Interventive for monograph defense of UNB. Chapter three introduces the doll as a mediator of the discussions on cultural diversity, while Pulino (2014), clarifies that all got used to call the "other", which is the human being in general. Also speaks of the importance of "games of make-believe." In chapter four is the clarification of diversity, which is "the quality of what is diverse, different, diverse, varied set, multiplicity," and also the culture contributes to every human being acquires the characteristics of how to dress, think . While Chapter five looks at how children understand the concepts of inclusion, respect for differences. Turner (1984) talks about the beautiful child, gentle and influence it brings, but does not cause it to be included in all the groups and Barbosa (2007), says that not only are parents who transmit culture, but all living with children, especially the older siblings.

Keywords: Cultural diversity. Childhood education. Children.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 DIVERSIDADE CULTURAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	13
2.1 Justificativa.....	13
2.2 Problema.....	14
2.3 Objetivos.....	14
2.3.1 Objetivo Geral.....	14
2.3.2 Objetivos Específicos.....	14
2.4 Avaliação.....	15
2.5 Metodologia	15
2.6 Recursos Materiais.....	15
3 A BONECA MARIANA COMO MEDIADORA DO DEBATE SOBRE DIVERSIDADE CULTURAL.....	16
3.1 Apresentação do Projeto Mariana no 2º período da educação infantil.....	18
3.2 A imaginação infantil.....	19
4 CRIANÇAS DEBATENDO SOBRE AS SINGULARIDADES DA DIVERSIDADE.....	22
4.1 Conceituando palavras.....	23
5 INVESTIGANDO COMO CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL ENTENDEM OS CONCEITOS DE INCLUSÃO SOCIAL E RESPEITO ÀS DIFERENÇAS.....	25
5.1 Compreendendo e defendendo a inclusão de minorias.....	27
5.2 A importância do lúdico na educação infantil.....	29
6 AÇÕES INTERVENTIVAS.....	32
7 ANÁLISE E DISCUSSÃO DO PROJETO INTERVENTIVO.....	38
8 CONCLUSÃO.....	43
9 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	45
ANEXOS.....	48

1 INTRODUÇÃO

A educação possui um sentido amplo e necessariamente um aprendizado social, e conforme Moreau (1978) apud Severino (2006) referindo-se à Platão que dizia que a educação era imprescindível à formação do espírito. A educação também reúne os processos ensino-aprendizagem englobando o meio em que os hábitos, costumes e valores de uma comunidade são transferidos de uma geração para a geração seguinte, conforme Freire (1996) apud Vasconcelos e Brito (2006), estando presente no seio familiar e em todos os segmentos da sociedade. Portanto, no sentido do desenvolvimento de um aprendizado social, hábitos, costumes e valores, a educação formal envolve também a busca de aquisição de bons hábitos e costumes sociais.

O 2º Período da Educação Infantil possui diversos alunos que são provenientes do entorno do Distrito Federal, e sendo que a maioria das crianças são de classes sociais menos favorecidas. As famílias destas crianças são compostas de diversas formas, como a tradicional, com mãe, pai e filhos; outras vivem apenas com a mãe; outros com a mãe e avó; com mãe e padrasto; outro com mãe que está a ponto de perder a guarda do filho por maus tratos; uma criança autista com família tradicional. A mistura étnica, religiosa, social e cultural está bem evidenciada na classe, com diversos problemas de convivência. E assim definiu-se a problemática ao constatar esta diversidade cultural. É uma turma que deveria ser reduzida. Entretanto, possui 20 alunos e alguns causam muitos problemas de relacionamento e tumulto na turma, ou seja, exigem atenção o tempo todo e ainda desenvolver as aptidões de toda a turma e da criança especial.

Nesta perspectiva, surgiu o interesse pelo tema ao constatar a diversidade cultural existente nas instituições educacionais e especialmente na turma do 2º Período da Educação Infantil. De acordo com Pulino (2014), todos habituaram-se a denominar o “outro”, que é o ser humano, de um modo geral. Mas para a autora, esse “outro” possui suas diferenças, suas crenças, suas peculiaridades físicas e psicológicas, seus valores pessoais, ou seja, é um “outro” ser humano, embora tenha muitas características idênticas aos demais.

Portanto, o presente trabalho justifica-se pela relevância social do tópico apresentado, possuindo grande importância para professores, pedagogos, estudantes de pedagogia e instituições educacionais, visto que o estudo norteia-se na importância de compreender a percepção das crianças da educação infantil e

como convivem com as diferenças e averiguar a influência exercida sobre o seu desenvolvimento afetivo e social, buscando fazer com que estas crianças compreendam, convivam e respeitem todas as diferenças, uma vez que o objetivo primordial do ambiente escolar é formar cidadãos solidários, autônomos e aptos ao exercício pleno de seus direitos e deveres perante uma sociedade democrática.

Deste modo, o objetivo geral é verificar como as crianças da educação infantil percebem e convivem com as diferenças e diversidade cultural, pois o propósito das instituições educacionais deveria ser uma educação de qualidade com a valorização e o respeito às diferenças. Tendo como objetivos específicos:

- Construir um objeto de intervenção como mediador da discussão sobre diversidade cultural na escola;
- Criar um grupo de discussão com crianças de quatro (04) a seis (06) anos sobre as singularidades da diversidade;
- Investigar como crianças da educação infantil de quatro (04) a seis (06) anos percebem os conceitos de inclusão social, minorias e respeito às diferenças.

Com o propósito de compreender melhor as concepções das crianças da educação infantil com idade entre 04 (quatro) e 06 (seis) anos de uma Escola Classe no Distrito Federal, considerando como convivem com as diferenças de raça, gênero, deficiências, entre outras, ponderei o direcionamento da pesquisa para um “Projeto Interventivo” utilizando um objeto coerente e entrelaçado à imaginação infantil para assim refletir como as crianças da educação infantil percebem e convivem com as diferenças.

O projeto propõe inserir um objeto de intervenção (a boneca) como mais uma criança na sala de aula, sendo que a referida boneca possui uma deficiência. Ela receberá um nome, certidão de nascimento e características da personalidade. A boneca Mariana, (nome escolhido por votação), como líder do bem é mais um recurso para desenvolver boas maneiras, imaginação e construir a realidade por meio de diferentes histórias, abordando as diversas culturas, o respeito às diferenças, gênero, deficiências, companheirismo, ou seja, assuntos que ainda podem ser abstratos para a criança. Também há uma perspectiva de tornar a família parte integrante dessa atividade.

A metodologia qualitativa utiliza-se do benefício do exame de “microprocessos, através do estudo das ações sociais individuais e grupais”. Portanto, a preocupação fundamental do pesquisador é a estreita aproximação dos

dados, de fazê-lo da forma mais completa possível, abrindo-se à realidade social para melhor compreendê-la. Também possui uma característica de flexibilidade, principalmente quanto às técnicas de coleta de dados, incorporando aquelas mais adequadas à observação que está sendo feita. (SOUZA MARTINS, 2004, p. 292).

Assim sendo, esta pesquisa possui uma abordagem qualitativa, sendo que o ambiente no qual ela se processa é a sala de aula e os dados foram coletados exclusivamente pela professora-pesquisadora, por meio da roda de conversa, da observação e coleta de materiais produzidos pelas famílias –história da visita da boneca- e dos desenhos das crianças, além de livros de histórias infantis e contos de fada, permitindo que a pesquisadora aproxime-se da perspectiva do sujeito.

Desta forma, a pesquisa-intervenção será desenvolvida com 20 crianças, sendo 12 (doze) meninas e 08 (oito) meninos com faixa etária de 04 (quatro) a 06 (seis) anos de idade. Todos estão legalmente matriculados no 2º Período “A” da Educação Infantil.

O trabalho será desenvolvido em uma Escola Classe do Plano Piloto (DF), fundada em 25/08/1977. A instituição possui 33 funcionários, dentre eles 14 professores regentes, 09 professores à frente da instituição, 02 orientadoras, 02 secretárias, 10 carreiras de assistência e 338 alunos matriculados, sendo que 24 (vinte e quatro) são do 1º período “A” matutino, 20 (vinte) do 2º período “A” também matutino e apenas um 2º período vespertino com 24 (vinte e quatro) alunos matriculados. Portanto, a Educação Infantil desta instituição escolar possui 64 (sessenta e quatro) crianças regularmente matriculadas. Os outros 270 (duzentos e setenta e quatro) alunos estão assim distribuídos no matutino: 01 (uma) turma de 1º ano; 01 (uma) turma de 2º ano; 01 (uma) turma de 3º ano; 01 (uma) turma de 4º ano e 01 (uma) turma de 5º ano. E no turno vespertino: 02 (duas) turmas de 1º ano; e 01 (uma) turma do 2º (segundo) ano; 01 (uma) do 3º ano; 01 (uma) turma do 4º ano; 01 (uma) turma do 5º ano.

Cabe destacar que esta pesquisa intervenção possui um objeto de intervenção –a boneca Mariana- como instrumento que visa uma ação transformadora e promotora de conscientização nas crianças da educação infantil, contando com apoio de livros infantis que provoquem e estimulem o imaginário das crianças. Esses livros dialogam com a diversidade cultural e o respeito às diferenças, tendo a boneca Mariana como mediadora de todos os acontecimentos.

Diante das informações mencionadas o presente trabalho foi desenvolvido da seguinte forma:

O capítulo dois é a apresentação do “Projeto Convivência” para os pais/responsáveis das crianças, antes de iniciar o Projeto-Interventivo para defesa de monografia da UNB, com discussões sobre diversidade, etnia, deficiências entre outras. Trata-se do projeto que desencadeou o “Projeto Mariana”, ou seja, foi o eixo gerador das ideias para desenvolver o trabalho de pesquisa.

No capítulo três inicia-se o Projeto-Interventivo para a defesa de TCC da UNB, e este capítulo apresenta a boneca Mariana como intermediária dos debates sobre diversidade cultural em diversos contextos.

Enquanto que no capítulo quatro ocorre o debate sobre as singularidades da diversidade com as crianças da educação infantil. Já o capítulo cinco investiga como as crianças da educação infantil entendem a inclusão social e o respeito às diferenças ressaltando a importância do lúdico na educação infantil.

A pesquisa bibliográfica do presente trabalho foi embasada à luz de autores como Vygotsky (2001), Piaget (2005), Pimentel (2012), Martin (1995), Pulino (2014) entre outros que apresentam estudos e dialogam sobre o tema aqui tratado.

Em seguida, verificam-se as ações interventivas e, depois, passa-se à análise e discussão do processo interventivo e os comentários finais sobre o trabalho apresentado.

2 DIVERSIDADE CULTURAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL

2.1 Justificativa

O tema Diversidade Cultural na Educação Infantil é uma estratégia em parceria com as famílias para ensinar valores como a solidariedade, respeito ao próximo, responsabilidade, diálogo, justiça entre outros que auxiliem na formação de crianças da educação infantil de 04 (quatro) a 06 (seis) anos.

O projeto propõe inserir um objeto de intervenção (a boneca) como mais uma criança na sala de aula, que possui uma deficiência, que receberá um nome, certidão de nascimento e características da personalidade. Pois, de acordo com Bettelheim (2015) nesta fase as fantasias infantis são essenciais à formação e aperfeiçoamento da personalidade e coerência de toda criança, sendo que isto ocorre de acordo com a qualidade e possibilidades oferecidas na conjuntura social e cultural. E também Vygotsky (2001), diz na educação infantil é o período da vida em que o mundo da realidade humana que cerca a criança abre-se cada vez mais para ela, onde ela toma conhecimento do que é real. A turma fica responsável pelos cuidados com a nova amiguinha. A boneca Mariana, (nome escolhido por votação), como líder do bem é mais um recurso para desenvolver boas maneiras, respeito às diferenças, ao gênero, deficiências, coragem, honestidade, companheirismo, ou seja, assuntos sérios, mas que ainda são abstratos para a criança.

As características físicas da Mariana são: cabelos compridos e castanhos, olhos também castanhos, magra, cor morena clara e cadeirante. Sempre muito educada e alegre, calma, muito carinhosa, voz doce e tranquila. Gosta de brincar com seus amiguinhos de jogar bola, cantar e adora fazer novas amizades.

O projeto irá funcionar em sistema de rodízio. A cada dia uma criança levará a amiguinha para casa, uma sacola com roupas e uma pasta relatório para descrever as atividades da Mariana no decorrer do dia, e a criança deverá fazer um desenho dela com a Mariana. Ao levar a boneca para casa, a criança começa a desenvolver a responsabilidade de cuidar, não sujar, dar banho e não deixar que a amiguinha seja maltratada por ninguém, já que terão que devolver aos colegas. Desta forma, há a criação de um vínculo afetivo forte entre o grupo, aumentando os laços de união, solidariedade, respeito, carinho, amizade, já que terão um objetivo comum: cuidar da Mariana. Uma mãe poderá incentivar o filho a comer alimentos saudáveis,

mostrando que a boneca também gosta de frutas e legumes, por exemplo; para outra, será um estímulo para a criança desenvolver a escrita ou ainda respeitar as diferenças, já que a nossa Mariana possui uma deficiência. No relatório a escrita é estimulada (Língua Portuguesa), o desenho (Artes), História, Matemática, Literatura, etc.

2.2 Problema

A mistura étnica, social, cultural está bem evidenciada na classe, com diversos problemas de convivência, e assim definiu-se a problemática ao constatar a diversidade cultural de gênero, deficiências, étnico-racial, religião entre outras existentes na turma. É uma turma que deveria ser reduzida por causa do aluno autista. Entretanto, possui 20 alunos e alguns causam muitos problemas de relacionamento e tumulto na turma, ou seja, exigem atenção o tempo todo.

2.3 Objetivos

2.3.1 Objetivo Geral

Abordar a diversidade cultural no sentido de atitudes ante discriminatória, respeito mútuo, cuidados consigo e com o outro no contexto de sala de aula, escola e comunidade, no intuito de desenvolver cidadãos críticos e conscientes de seus direitos e deveres na sociedade.

2.3.2 Objetivos Específicos

- Impulsionar as diversas formas de desenvolver a imaginação e construir a realidade por meio de diferentes histórias, abordando as diversas culturas, tornando a família parte integrante da atividade;
- Aperfeiçoar a oralidade e a escrita com os pais ao redigir o relatório;
- Abordar diversos aspectos sobre diversidade em sala de aula e escola e da fase pré-escolar, como desenvolver os hábitos de cortesia, respeito, regras de convivência, inclusão, afetividade e construção da identidade;
- Possibilitar a construção de hábitos saudáveis;
- Estimular a formação de valores como o respeito mútuo e aos deficientes, consciência étnico-racial, valorização das diferenças;

- Construir vínculos afetivos com seus colegas, adultos e familiares, fortalecendo sua autoestima e expandir suas probabilidades de comunicação e interação social.

2.4 Avaliação

- Observar e registrar o comportamento dos alunos e aspectos que necessitem de intervenção individual, assim como suas conquistas, criticidade, autonomia, respeito às regras e colaboração familiar.
- Valorizar as histórias trazidas por cada criança após cada visita às casas. Ler para toda a turma os relatórios feitos pela família e mostrar o desenho realizado pela criança.

2.5 Metodologia

A metodologia deste projeto é uma pesquisa intervenção, pois considera ações educativas que visam à apreensão e respeito às diferenças étnico-raciais e à diversidade cultural existentes em nosso país, assim como o respeito à todas as diferenças de gênero, sexo, etnia, religião, deficiências...

2.6 Recursos Materiais

- Boneca;
- Sacola com roupas e pertences da Mariana;
- Pasta/diário que acompanha a boneca.

3 A BONECA MARIANA COMO MEDIADORA DO DEBATE SOBRE DIVERSIDADE CULTURAL

Neste trabalho, o termo Educação Infantil estará de acordo com a definição da LDB 9394/1996 em seu Art. 29 onde diz que: “A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade”. (BRASIL, 2011, p.21).

De acordo com Pulino (2014), na diversidade todos habituaram-se a denominar o “outro”, que é o ser humano, de um modo geral. Mas para a autora, este “outro” possui suas diferenças, por suas crenças, suas peculiaridades físicas e psicológicas, seus valores pessoais, ou seja, é um “outro” ser humano, embora possua características que todos os demais possuem. Para a autora, os humanos são marcados pela diversidade referindo-se à etnia, cultura, sociedade, mas também referindo às diferenças entre cada pessoa.

De acordo com Freire (1996), apud Martins (sd):

Qualquer discriminação é imoral e lutar contra ela é um dever por mais que se reconheça a força dos condicionantes a enfrentar. A boniteza de ser gente se acha, entre outras coisas, nessa possibilidade e nesse dever de brigar. Saber que devo respeito à autonomia e à identidade do educando exige de mim uma prática em tudo coerente com este saber. (FREIRE, 1996, p.67)

Para o pedagogo Paulo Freire (1996) apud Martins (sd), é necessário que todos combatam a discriminação, enfrentando as consequências de suas atitudes, pois como humanos, devemos nos defender mutuamente. E isto, o combate a todo tipo de discriminação, poderá ser uma parte integrante da cultura das instituições educacionais. E complementado a ilustre defesa de Freire, Geertz (1989, p. 56) apud Fleuri (2013), diz que a cultura pode ser compreendida como “um conjunto de mecanismos de controle – planos, receitas, regras, instruções (o que os engenheiros de computação chamam de ‘programas’) – para governar seu comportamento”. Ou seja, a cultura poderá ser compreendida como os princípios, concepções ou direção que rege o comportamento humano.

Na família, no trabalho, no lazer e em todos os ambientes que frequentamos, a semelhança cultural está presente, assim também como as diferenças. Portanto, é necessário, humanizar e aprimorar nossa própria convivência e relacionamento humano, assim como todas as formas de inclusão e afinidades com todas as formas de vida do planeta. (PADILHA, 2007).

Deste modo, a cultura engloba o conjunto social expressivo, do modo comportamental, de poder e saber fazer, que seja característico de uma determinada sociedade ou grupo, que foram alcançados em um determinado processo consecutivo de assimilação que foram repassados à comunidade. (GONÇALVES 1997), apud (PADILHA, 2007).

A cultura, conforme Padilha (2007) envolve todas as atitudes dos grupos e comunidades que possuem um significado social, como as atitudes e comportamentos, e isto é adquirido e transmitido através dos hábitos e costumes das comunidades, sendo assimilados pelas crianças ao longo da convivência. E de acordo com Bettelheim (2015), no entendimento atual sobre a infância, compreende-se que as crianças imaginam o mundo porque precisam de um pensamento prático e objetivo ou porque ainda não estão totalmente formados os seus laços racionais com a realidade. Ou seja, ao assimilar a cultura familiar e da comunidade, as crianças necessitam imaginar o mundo para que ele adquira uma forma objetiva e prática para sua compreensão.

Complementando a cultura que a criança adquire no seio familiar que abrange relações próximas, o processo educacional envolve influência mútua entre indivíduos que estabelecem métodos de assimilação e diferenciação sociocultural. Abordar de forma igual os “diferentes” significa também considerá-los como autores e co-autores da prática educativa. (FLEURI, 2013).

Portanto, é essencial compreender estes processos de relações interculturais no intuito de desvendar as possibilidades criativas e de diálogo nas relações entre os diversos grupos culturais, conforme analisa Fleuri (2013).

Neste aspecto, no âmbito da turma em estudo, para as crianças do 2º período “A” da educação infantil, a boneca Mariana é considerada como uma amiga cadeirante, pois ela não possui os pés. Eles compreendem que necessitam cuidar dela com carinho, ajudá-la quando ela necessita de ajuda. Entretanto, ela também é capaz de ajudá-los em diversos aspectos, pois ela ensina-os a importância de incluir e aceitar a todos, independentemente dos aspectos físicos, raça, gênero.

Enfatizando a importância do respeito e da aceitação, Boff (2009) defende que cada indivíduo é único, possui uma forma diferente das demais, ou seja, não existe outro igual. Mas faz parte de algo maior, uma família, uma comunidade. Neste sentido, Freire fala das relações e consciência do homem:

[...] através da problematização do homem-mundo ou do homem em suas relações com o mundo e com os homens, possibilitar que estes aprofundem sua tomada de consciência na realidade na qual e com a qual estão. (FREIRE, 1192:33) Apud Vasconcelos e Brito (2006, p. 24)

Relacionar o indivíduo com tudo a seu redor, envolve relações mais próximas, de acordo com Freire, e que exigem a conscientização do real. Desta forma, cada sujeito necessita sentir-se incluído. De acordo com Batista e Enumo (2004), pertencer a um grupo não depende das relações próximas, e sim do grupo com o qual se identifica psicologicamente. Tal processo acontece por meio da identificação, ou seja, existe a percepção de semelhança de algum modo entre os membros do grupo. Desta forma, as desigualdades entre os membros do grupo são minimizadas.

Após estes breves esclarecimentos, passa-se a seguir a apresentação formal da boneca Mariana à turma do 2º Período da Educação Infantil.

3.1 Apresentação do Projeto Mariana no 2º período da educação infantil

A formação, aperfeiçoamento da personalidade e lógica das crianças é também resultante de suas fantasias, pois de acordo com estudos de Sarmento (2003), isto advém conforme as características e perspectivas proporcionadas pelo cultural e social vivido pela criança. A partir dessa consideração, o Projeto Mariana foi apresentado às crianças da seguinte forma: durante a roda diária de conversa, pedi a duas crianças que se levantassem, sendo que era um menino com cabelos bem lisos e uma menina com cabelos encaracolados. Logo comecei os questionamentos.

-Estas crianças são iguais? E todos responderam que não. Então pedi que me dissessem o que havia de diferente entre elas, já que eram crianças. Descreveram as características físicas, de gênero e altura. Pedi que elas voltassem à rodinha e continuei descrevendo e mostrando as diferenças existentes entre elas mesmas, já que é uma turma diversificada, inclusive com uma criança autista. Também me inclui nos exemplos.

Ao perceber que eles, aparentemente, já tinham compreendido sobre as diferenças entre eles, chamei a atenção para uma pequena boneca que ficava jogada e ninguém a pegava para brincar. Ela não tinha os dois pezinhos, estava com os cabelos desarrumados, sem roupas. Então, questionei se eles sabiam o que era o “faz-de-conta”. Todos disseram que sim e deram exemplos. Então eu disse:

-Faz de conta que esta boneca (mostrei a boneca) é uma priminha ou irmãzinha de vocês que veio visitá-los, chegou em sua casa desse jeito. Em uma cadeira de rodas - por não ter pés - suja e com fome. O que vocês fariam? Iriam jogá-la fora? Todos responderam que não. Então passei a ouvi-los. Uns logo disseram que primeiro iam dar comida. Outros que iriam dar roupas e assim foram descrevendo o que fariam. Foi bastante interessante o sentimento de solidariedade que demonstraram. Paulo Freire diz que: “Qualquer discriminação é imoral, e lutar contra ela é um dever, por mais que se reconheça a força das condicionantes a enfrentar”, conforme o Freire apud (VASCONCELOS E BRITO, p. 80, 2006).

De acordo com Harris (1999), apud Batista e Enumo (2004), as crianças aprendem não apenas com os pais, livros ou televisão. Quando elas brincam, desenvolvem a personalidade e linguagem. As “brincadeiras de faz-de-conta” são especiais para elas, e os exemplos preferidos são “outras crianças”. (HARRIS, 1999) apud Batista e Enumo (2004).

Então perguntei qual seria o nome da nossa mascote. Várias crianças sugeriram nomes, e o que foi mais votado foi Mariana. Então, a partir daquele momento todos cuidariam da boneca com muito carinho. Quem a levasse para casa, iria apresentá-la à sua família e cuidar dela. Expliquei sobre os procedimentos com a pasta etc. E que deveriam trazê-la no dia seguinte para que outra criança pudesse levá-la também (pela ordem de chamada, pois todos estavam ansiosos para que chegasse sua vez).

3.2 A imaginação infantil

A criança precisa de amparo para tentar entender e lidar com seus sentimentos. Portanto, ela precisa de auxílio para organizar-se emocionalmente e neste momento “as histórias infantis e contos e contos de fada” são ações significativas, que irão mostrar-lhes sutilmente os benefícios de agir corretamente, conforme esclarece Bruno Bettelheim (2015).

Ainda de acordo com o autor citado, os contos de fada contribuem muito com a imaginação infantil, porque seu conteúdo e formas sugerem imagens para as crianças formas com as quais elas poderão organizar suas fantasias para lidar com a realidade. E o autor complementa afirmando que estes contos de fada transmitem à mente humana mensagens muito importantes, o que ajuda na resolução de problemas. De acordo com Piaget (2005), onde ele diz que no período pré-

operatório, que constitui a primeira infância, de 2 (dois) a 7(sete) anos, ocorre o surgimento da fala, assim como diversas mudanças no aspecto cognitivo e intelectual da criança. Nesta fase, ela começa a simbolizar, ou seja, torna-se capaz de usar a imaginação interagindo com outras crianças. Com isso, ocorre a construção progressiva dos estágios mais complexos onde a capacidade de simbolizar evidencia-se, possibilitando um período de transição para uma nova fase. (PIAGET, 2005).

Portanto, neste período a criança utiliza sua imaginação nas brincadeiras procurando resolver seus “conflitos completando a realidade através da ficção”. Piaget conclui que o duplo sentido que o jogo simbólico possui, compondo o polo egocêntrico em estado puro, só é ultrapassado pela fantasia e pelo sonho. (PIAGET, 2005, p. 29).

Logo, conforme Piaget (2005) e Bettelheim (2015) ponderam, nesta fase a criança consegue simbolizar, ou seja, usar a imaginação para compreender a realidade. Portanto, a Boneca Mariana surge como um artifício para que as crianças compreendam e assimilem os conceitos de diversidade cultural, direitos humanos, pessoas com deficiência entre outros diversos grupos minoritários. Deste modo, possam simbolizar e ter empatia pelo outro considerando que, de acordo com Vygotsky (2001), é na infância pré-escolar, o período da vida em que o mundo da realidade humana que cerca a criança abre-se cada vez mais para ela, onde ela toma conhecimento do que é real.

Assim sendo, é na infância que a criança percebe a realidade, e de acordo com Vygotsky (1998), neste período, surgem aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão presentes em estado simples e poderiam ser chamadas de “frutos” do desenvolvimento, ou a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP).

Esclarecendo, de forma simplificada sobre a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) como é descrita conforme o Psicólogo e Lev Vygotsky (1998):

[...] zona de desenvolvimento proximal. Ela é a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes. (VIGOTSKI 1998, p.112)

Portanto, a Zona de Desenvolvimento Proximal é a definição entre o que a criança compreende de fato, sendo capaz de fazer sozinha, e o nível de desenvolvimento potencial, ou seja, o que ela consegue resolver mas apenas com a mediação ou intervenção do(a) professor(a) ou de outras pessoas ou colegas mais experientes.

Com a intermediação de indivíduos mais experientes para desenvolver o potencial das crianças, também a imaginação e fantasia no indivíduo devem ser tratadas com seriedade, visto que são os caminhos de “entrada e de saída do sistema neurocerebral”, conectando a estrutura interior (que corresponde 98% de funcionamento interno) e apenas 2% referem-se ao funcionamento externo. Ou seja, o universo psicológico possui uma grande independência, onde os sonhos, desejos, imagens e fantasias, influenciam a percepção do mundo externo. (MORIN, 2013).

4 CRIANÇAS DEBATENDO SOBRE AS SINGULARIDADES DA DIVERSIDADE

Para a atual sociedade globalizada, os indivíduos possuem a obrigação de serem autônomos, de forma individual ou coletiva, e também de serem solidários e respeitosos em suas relações sociais, conforme defende Fleuri (2013).

Ou seja, as relações sociais são um grande desafio, conforme nos esclarece Fleuri (2013). Logo, na instituição escolar existe a necessidade de elaborar processos que compreendam estes conflitos, com o intuito de fortalecimento da identidade cultural individual e dos grupos, auxiliando nas construções de processos colaborativos entre eles.

Corroborando as ideias de Fleuri (2013), sobre as relações na instituição educacional, Padilha (2007) nos esclarece que:

As relações humanas é o que nos interessa no início do processo pedagógico, justamente porque se trata de educar PA+ra a convivência, para as inter-relações e para as interconexões entre as pessoas e entre elas com o planeta, nas suas mais complexas, mais singelas e mais dinâmicas dimensões. (PADILHA, 2007, p. 19).

Aprender a conviver com diferentes pessoas, é o essencial quando a criança inicia sua vivência escolar, pois segundo Padilha (2013), é quando se educa para conviver em harmonia, com as pessoas diferentes. Ou seja, aprendem as coisas mais simples, mas ao mesmo tempo, bastante complexas para elas.

Deste modo, as questões principais de nosso tempo, giram em torno do respeito às diferenças e de unificá-las em uma interação que não as anule, ou seja, que ative todo seu potencial criativo e essencial de ligação entre os indivíduos. (FLEURI, 2013).

Assim, os maiores problemas da atualidade envolvem o respeito às diferenças individuais e coletivas, torna-se essencial traçar estratégias que unifique as interações de modo que elas não sejam extintas, ao contrário, que se retenha seu potencial criativo, pois ele é um elo entre os grupos, conforme defende Fleuri (2013). O autor defende o diálogo na resolução dos conflitos:

Conversar com os outros – e não apenas falar *sobre* eles ou *para* eles – é a condição para desenvolvermos a compreensão dos significados e das estruturas significantes de nossas próprias ações. Reconhecer que na sociedade, em geral, convivem sujeitos de culturas diferenciadas e que na escola, em particular, as pessoas se educam mediante o diálogo sobre os problemas e conflitos que enfrentam em sua prática (FLEURI, 2013, p. 12,13).

Torna-se essencial conversar com os outros, para que as relações sociais sejam tranquilas, pois muitas vezes, apenas fala-se do outro ou sobre o outro. Desta forma, ao conversar com o outro, a compreensão do sentido das próprias atitudes. Saber que, de modo geral, convive-se com diferentes culturas e na instituição educacional também, que é onde aprende-se a dialogar na resolução dos conflitos.

4.1 Conceituando palavras

Conforme nos esclarece o dicionário online Priberam (2008-2013) o vocábulo singular significa: “1. Qualidade do que é singular, único, só; 2. O que é peculiar a um só indivíduo e não aos outros.3. Particularidade.4. Modo extraordinário de proceder ou de pensar.” Portanto, neste trabalho a singularidade será apresentada como uma característica que o ser humano possui para distinguir-se de todos os demais de sua espécie.

A palavra singularidade expressa exclusividade, algo específico, característica apenas de um indivíduo. Ou seja, é algo privado ou exclusivo, que pode ser uma atitude, um estilo, ou uma maneira de se expressar que outro indivíduo não possa fazer da mesma forma, pois existem diversas características humanas que são específicas.

Também outra expressão que será bastante utilizada neste trabalho é a diversidade, que será definida como “a qualidade daquilo que é diverso, diferente, variado, conjunto variado, multiplicidade”, conforme o dicionário Houaiss (2001), apud Zibetti (2013). Ou seja, sendo necessário apenas olhar uns para os outros para verificarmos que somos diferentes em diversos aspectos como: cor da pele, cabelos, olhos, gênero, etnia, trabalho. Conforme a mesma autora, “a diversidade nos constitui enquanto seres humanos, pois para sobreviver transformamos a natureza pelo trabalho e assim produzimos cultura”. Portanto, diversas maneiras de viver e trabalhar, produzem inúmeras maneiras de pensar, vestir, comer, sentir, expressar, etc. (ZIBETTI, 2013).

Portanto, a diversidade engloba todas as diferenças que existem entre os seres humanos, desigualdade que caracteriza, tornando cada ser humano único, exclusivo, impossível existir outro exatamente com as mesmas características físicas, psicológicas, cognitivas e emocionais. E a cultura também contribui para que cada ser humano adquira maneiras de vestir-se e pensar diferente dos demais, onde

até os hábitos alimentares possuam características específicas de determinadas culturas e comunidades.

Complementando a definição do termo diversidade, o Dicionário Online de Português esclarece que:

Característica ou estado do que é diverso; que não é semelhante; diferente ou desigual. Reunião daquilo que contém aspectos, características ou tipos distintos: a diversidade de comentários sobre o texto. Em que há ou demonstra oposição; que não está em concordância; divergência: a diversidade de seus argumentos invalidou a análise. Conjunto diverso; multiplicidade. (PRIBERAM, 2008-2013).

Assim sendo, conforme o dicionário de Português, a diversidade é tudo aquilo que é diferente do convencional, ou seja, por alguma característica específica ou várias, não está de acordo com os demais, ou parecido. Se destaca por algum motivo diverso.

A diversidade cultural abrange diversos elementos que simbolizam culturas distintas. De acordo com Gatti (In CAIADO, 2008, p. 368) apud Zibetti (2013), o “reconhecimento e respeito à diversidade não quer dizer descompromisso com desigualdades que aviltam a própria condição humana”.

5 INVESTIGANDO COMO CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL ENTENDEM OS CONCEITOS DE INCLUSÃO SOCIAL E RESPEITO ÀS DIFERENÇAS

Beleza exterior é evidente em momentos variados, e o autor Turner (1984) salienta que quando uma criança é bela, gentil e sociável, isso muitas vezes irá influenciar no relacionamento entre colegas, pais e professores. Entretanto, sentir-se parte do grupo, não depende de tais condições. O sentimento de fazer parte está vinculado ao contexto social, sendo portanto, variável e exclusivo de uma determinada situação, argumenta Turner (1984) apud (BATISTA & ENUMO, 2004).

Sentir-se incluído em determinados grupos, não depende exclusivamente da vontade individual, mas de todo um contexto. Assim sendo, a palavra inclusão possui definição ampla, e de acordo com o dicionário Informal, a expressão vem do verbo incluir (do latim includere), no sentido etimológico, significa conter em, compreender, fazer parte de, ou participar de, ou seja sugerindo uma completa inserção. Enquanto que integração sugere parcialidade, dependendo de cada indivíduo, (BATISTA & ENUMO, 2004). Desta forma, para os autores, a inclusão propõe uma adaptação irrestrita, onde incluir significa estar totalmente adaptado, enquanto que a integração é o oposto, não existe uma adaptação completa, mas com ressalvas, exceções, restrições.

Nesta perspectiva de diversidade e inclusão, as crianças percebem as diferenças com naturalidade, e o ambiente familiar contribui de forma significativa na aceitação ou não da diversidade e inclusão por parte das crianças. Desta forma, é essencial que a família contribua para que as crianças convivam de forma harmônica com todas as diferenças. Na escola, que é um ambiente onde a criança se depara e convive com uma diversidade ampla, será necessário aprender a conviver, respeitar e incluir os colegas, independente das diferenças.

Na tentativa de abordar com mais profundidade as diferenças apresentadas no contexto da própria turma e trazendo a Mariana como interlocutora dessa mediação, escolhi um livro que fala sobre a diversidade, diferenças. O livro chama-se “Com quem será que me pareço”? Da autora Georgina Martins (2007). Diversos livros que abordam os temas transversais sobre diversidade, inclusão e etnia foram lidos e explorados pelas crianças da educação infantil.

Neste livro, a linguagem assume um aspecto importante, pois permite à criança expressar-se, sendo que a mesma está relacionada às afinidades e a partir destas relações produz uma aprendizagem social, levando a coerência e harmonia,

associação, colaboração, solidariedade nas vivências sociais se consolidando e reproduzindo conforme Boff (2009). Ainda conforme o mesmo autor, a capacidade coletiva e individual causa inconstância na organização, obrigando-o a novos modelos de coerência e harmonia, pois os seres humanos não apenas vivem, mas procuram viver bem e para que isto ocorra, provoca modificações. Assim sendo, a capacidade de expressar-se coerentemente faz com que a criança conviva em harmonia com o grupo.

Para buscar esta convivência pacífica com o grupo, de acordo com Harris (1995, 1999) apud (BATISTA & ENUMO, 2004), onde ele defende que é muito importante a participação dos colegas de brincadeiras para a socialização das crianças. E para Zibetti (2013), as nossas análises são sempre construídas a partir do lugar que ocupamos e este olhar parcial, incompleto, faltante, precisa ser modificado pela convivência com o outro, pela aproximação com as distintas realidades que nos envolvem. E desta forma, a convivência com o grupo contribui nesta busca de compreensão da realidade que a envolve.

Na busca pela abrangência do olhar da criança ao lidar com a realidade, Morin (1979), apud Batista e Enumo (2004) defende que o prolongamento da infância ocorre por meio das brincadeiras, onde a criança é cuidada e protegida, prolongando seu tempo para aperfeiçoar suas habilidades para a vida adulta.

Embora a produção teórica que tem combatido esta leitura das “diferenças” no espaço escolar a partir dos trabalhos de Patto (1997, 1999) apud Zibetti (2013) tenha alcançado relevância nacional como evidenciam os muitos trabalhos desenvolvidos por uma abordagem crítica de psicologia escolar (SOUZA, 1997; MACHADO, 1997, 2007; COLLARES; MOYSÈS, 1996; MOYSÈS, 2001), aspectos apontados pela autora Maria Helena S. Patto, apud Zibetti (2013), na obra “A produção do fracasso escolar – Histórias de submissão e rebeldia” ainda não foram superados de acordo com Zibetti (2013).

A cultura familiar é outro ponto bastante relevante ao tratar-se de combate às diferenças. Conforme defende Barbosa (2007, p.1072) sobre a cultura familiar:

O capital cultural de uma família não é apenas transmitido pelos pais, mas por várias pessoas que convivem próximas às crianças, especialmente os irmãos mais velhos, que propiciam oportunidades para a construção de competências, de interesse e de valorização das práticas escolares. Quanto mais próximos os modos de socialização familiar estiverem dos modos de socialização escolar, maior é a perspectiva de sucesso na escola.

Ou seja, de acordo com Maria Carmem Barbosa (2007), não são apenas os pais que transmitem a cultura, mas todos que convivem com as crianças, de modo especial, os irmãos mais velhos.

A cultura é assimilada pelas crianças, que fazem imitações, de acordo com a autora citada no tópico anterior e Henry Wallon (2010), complementa o tópico ao defender que a criança passa por períodos distintos, sendo que por volta dos 5 (cinco) anos ocorre o período da imitação, que é marcado por uma reaproximação ao outro, manifestada pelo gosto por imitar, que possui um papel essencial na assimilação do mundo exterior. O professor deve observar que sua figura geralmente desperta o desejo de identificação no aluno, devendo estar consciente de tal fato para estabelecer sua conduta. Wallon (2010) diz que a afetividade é predominante neste período, pois é quando a criança estabelece sua personalidade e consciência subjetiva, e pode ocorrer oposição da criança em relação ao adulto. Ela sente a necessidade de se identificar e adaptar-se com esta realidade.

A partir dessas considerações, verifica-se que a Educação Infantil possui um papel importantíssimo na formação da personalidade da criança, visto que permite a sua adaptação à vivência em comunidade, em grupos que vão além dos limites familiares, e contribui para a formação do eu psíquico. A escola pode estimular o desenvolvimento de valores saudáveis nas interações, tais como a cooperação, a solidariedade, o companheirismo e o coletivismo. As atividades em grupo devem alternar-se com atividades individuais fazendo assim uso das alternâncias comuns nesse estágio para promover o desenvolvimento de mais recursos de personalidade Wallon (1937), apud Vokoy (2005).

5.1 Compreendendo e defendendo a inclusão de minorias

Nos estudos realizados por Pimentel (2012), ele traz o conceito de inclusão onde defende que, para haver inclusão, a escola deve tomar para si uma postura de construtora da igualdade, visando incluir na organização social aqueles que vêm sendo excluídos. A proposta de inclusão colocou para a escola regular o desafio da atenção à diversidade e trouxe como necessidade um currículo que abrangesse o atendimento a esses estudantes prevendo a:

Inserção de todos, sem distinção de condições linguística, sensoriais, cognitivas, físicas, emocionais, étnicas, socioeconômicas ou outras e requer sistemas educacionais planejados e organizados que deem conta da

diversidade dos alunos e ofereçam respostas adequadas às suas características e necessidades (BRASIL, 1999, p.17, apud PIMENTEL, 2012, p. 45)

Portanto, conforme Pimentel (2012), é necessário que as instituições educacionais sejam construídas e aparelhadas com o objetivo de receber e tratar a todos com igualdade, sem distinção de qualquer forma, atendendo conforme as características e necessidades apresentadas por seus educandos.

Dessa forma, independentemente de todos os fatores inerentes ao indivíduo, fatores internos ou externos, as instituições escolares deverão oferecer condições adequadas à essas necessidades. Ou seja, acolher e estimular as capacidades cognitivas dos alunos, pois a característica principal dos indivíduos não é a igualdade e sim a diversidade. (VOIVODIC, 2004).

Desenvolver o potencial cognitivo dos educandos, faz parte do processo de ensino e aprendizagem, conforme defende Martín (1995), sendo uma interação centralizada nas atividades, pois o conhecimento é construído em conjunto, ou seja, entre duas ou mais pessoas. Esta perspectiva abrange inteiramente o projeto Mariana, que será realizado em parceria com a escola, alunos, professora e a família.

A cada novo ano letivo, a escola recebe alunos “diferentes entre si”, sendo que cada qual vêm com suas características étnicas, religiosas, sociais e culturais. Desta forma, é contraditório pensar em trabalhar o currículo de forma homogênea e respeitar essa diversidade, como afirma Fleuri (2013).

Ou seja, recebendo alunos “diferentes entre si”, as relações geradas entre estes grupos podem ser profundamente conflitantes e dramáticas. Da mesma forma, no interior de grupos e instituições sociais, a interação entre as pessoas produz conflitos e tensões que podem resultar em exclusão ou sujeição. Entender pois, tais processos de relações interculturais torna-se a condição para, não só compreender as lógicas que conduzem à destruição ou sujeição mútua, mas sobretudo para descobrir as possibilidades criativas e dialógicas das relações entre pessoas e grupos de contextos culturais diferentes. (FLEURI, 2013).

5.2 A importância do lúdico na educação infantil

Refletir sobre a atmosfera da escola moderna como tempo/espço de educação formal, onde o processo de aprendizagem é ampliado através de

“relações marcadas pela diversidade cultural – a escola é considerada como instituição responsável pela educação formal, pela formação coletiva das pessoas promovendo sua introdução na cultura, sua socialização e seu desenvolvimento como sujeitos e cidadãos, por meio de processos sistemáticos de aprendizagem. Além da educação formal, que se dá na escola, e da educação familiar, considera-se que o processo educacional é muito mais amplo, abrangendo toda a vida social das pessoas. (PULINO, 2014).

Todo processo educacional implica a interação entre pessoas que constroem processos de identificação e diferenciação sociocultural, conforme estudos realizados por Fleuri (2013). Também Almeida (2003), complementa o parágrafo anterior, citando Montessori:

“A criança, um ser em criação. Cada ato, é para ela é uma ocasião de explorar e de tomar posse de si mesma; ou, para melhor dizer, a cada extensão a ampliação de si mesma. E esta operação, executa-a com veemência, com fé: um jogo contínuo. A importância decorre da conquista, uma vibração incessante.” (Montessori) apud (ALMEIDA, 2003)

Os estudos de Montessori apud Almeida (2003), defendem que a criança está sempre em busca de descobrir, explorar cada possibilidade que surge na tentativa de descobrir-se e expandir suas descobertas, sendo que ela o faz de maneira ativa, verdadeira, pois o que importa é a conquista do conhecimento.

Nesta busca por conhecimento e descobertas, o ambiente escolar é uma sociedade, onde o senso de responsabilidade e as normas de conduta são suficientes para educar as crianças, de acordo com estudos de Pestalozzi (1746-1827) e Froebel (1781-1852) apud Almeida (2003), que foi discípulo de Pestalozzi, aperfeiçoa a defesa do ambiente escolar ao defender que deveria ser despertado e estimulado o interesse das crianças com métodos próprios para as crianças, ou seja, utilizar o lúdico. “A educação mais eficiente é aquela que proporciona atividade, auto-expressão e participação social às crianças”, de acordo com Froebel apud (ALMEIDA, 2003, p, 23).

Ou seja, ao utilizar a forma lúdica para estimular as crianças, conforme o parágrafo anterior, elas tentam assimilar a realidade, e não possuindo estruturas mentais bastante desenvolvidas para isso, a criança utiliza os esquemas que possui, reconstruindo o universo próximo, com o qual convive. E ao tentar fazer essas reconstruções, torna-se “egocêntrica”, pois, “sob essas formas iniciais, constitui uma assimilação do real à atividade própria, fornecendo a esta, seu alimento necessário e

transformando a realidade de acordo com as múltiplas necessidades do “eu”, conforme estudos de Piaget apud Almeida (2003).

De modo geral, é a partir dessa abertura do humano para o outro que se instauram suas possibilidades de ações no mundo, de produção da linguagem, de comunicação, de sentimentos, pensamentos, desenvolvimento mútuo, enfim, de educação. A educação consiste nesse processo que propicia o encontro com o outro, com o mundo e consigo mesmo. (PULINO, 2014).

O processo educacional proporciona encontrar-se a si e ao outro, conforme Pulino (2014), ou seja, o educando conhece a si mesmo, seus limites, suas aptidões e também se depara com o outro, que é diferente de si mesmo, mas ao qual ele também necessita conviver de forma tranquila. Em concordância com a autora acima citada, os estudos de Marques (2006) apud Martins (SD), ressaltam que a diversidade abrange a opinião de que todas as pessoas são iguais ao tratar-se do “valor máximo da existência: a humanidade do homem”. Deste modo, o que realmente deverá ser considerado na essência humana, é que os seres humanos possuem sentimentos, emoções e que sua opinião sobre a diversidade deverá ser sempre a de que todos os indivíduos são simplesmente humanos, e que pertencem a uma única espécie: a espécie humana.

Portanto, a educação engloba a diversidade, inclusão, pois conforme a autora Pulino (2014), observando a “inclusão como princípio embasado no elemento recente da diversidade”, ponderando ser indispensável as diversas configurações da existência humana, observa que ser homem ou mulher, alto ou baixo, negro ou branco, deficiente ou não-deficiente, pobre ou rico são apenas uma pequena parte das inúmeras possibilidades humanas. Porém, como afirma Carvalho (2005), apud Martins (SD), várias pessoas ainda acreditam que inclusão escolar é somente para indivíduos com necessidades especiais.

De acordo com Pulino (2014) o “outro” está presente não apenas na questão de sobreviver, mas durante todo o crescimento, sendo que este “outro”, é um semelhante para nós, ou seja, um ser humano. Mas como bem disse a autora, este “outro” é diferente, possuindo suas características específicas, físicas, morais, valores e crenças. Ou seja, todos os seres humanos são desiguais entre si de inúmeras maneiras. A humanidade é caracterizada pela diversidade, tanto aquela entre grupos étnicos, culturais, sociais como a referente a cada um dos indivíduos. (PULINO, 2014). De acordo com Leontiev (1978), apud Pulino (2014), os

conhecimentos humanos são dispostos no mundo, mas para que a criança os compreenda, é indispensável que haja a intervenção de outros indivíduos.

Nas instituições educacionais as crianças recebem uma intervenção direcionada aos processos educativos formais, e desta forma, conforme o pedagogo Russo Makarenko (1888-1939) apud (ALMEIDA, 2003) dizia que “não se pode fazer uma obra educativa sem se propor um fim... um fim bem claro, bem definido... Um conhecimento do tipo de homem que se deseja formar...”. As finalidades estão bastante claras e a metodologia pedagógica está diretamente relacionada ao presente da criança, considerando sua vivência familiar, pois a criança traz consigo sua história, mas ela vive o real, o agora. Ainda conforme o autor, a criança quer assegurar sua satisfação pessoal (brincar, correr, pular) até chegar a abranger o coletivo em um prazo mais longo, o futuro da nação como um objetivo sério e feliz. Ou seja, o que é real, concreto, pode e deve tornar-se o alicerce, “a própria fonte do prazer” determinando uma conexão entre “o dever, a alegria presente, e a aspiração a um futuro feliz”.

6 AÇÕES INTERVENTIVAS

Considerando a proposta de Makarenko (1888-1939) apud Almeida (2003), onde ele defende que o processo educacional deve ter um propósito, com objetivos claros. Sob essa perspectiva, delinear-se as intervenções da nossa prática educativa com o projeto Mariana. Na tentativa de abordar com mais profundidade as diferenças apresentadas no contexto da própria turma e trazendo a Mariana como interlocutora dessa mediação, escolhi diversos livros que falam sobre diversidade, diferenças/deficiências e o combate ao preconceito, tais como: Menina bonita do laço de fita da autora Ana Maria Machado; Pato Magro e Pato Gordo; Bicho feio, bicho bonito, ambos de Mary França; Com quem será que me pareço? De Georgina Martins, entre outros. Estes livros foram apresentados às crianças pela Mariana, pois ela está sempre envolvida com as histórias.

O momento da Mariana como interlocutora acontece no que chamamos de “rodinha”. As crianças chegam, colocam a mochila no lugar e a agenda na mesa. Então, todas as crianças, e a professora, vão sentando-se no chão formando um círculo. Iniciamos cantando uma música de bom dia. Trata-se de uma maneira de esperar que todas as crianças cheguem, pois algumas se atrasam. Neste espaço todos os alunos ficam atentos e mais dispostos a ouvir as histórias.

A primeira história do dia é a da visita da Mariana, que ocorreu no início do mês de abril, de 2015. A história da primeira visita da Mariana e que a família escreveu foi transcrita assim como o desenho da criança, no Anexo A.

Assim, é relatado: onde ela esteve e como foi seu dia na casa da criança. A criança me entrega a pasta e uma sacola com a Mariana. Pergunto à criança que levou a Mariana para casa se cuidou bem dela. A criança responde que sim.

Todas as crianças estavam ansiosas para saber como a Mariana foi recebida na casa da colega. Eu perguntei a eles:

-Será se a Mariana gostou do passeio? Perguntei. Eles disseram que sim.

Perguntei novamente: -Como estava a Mariana antes de ir para a casa da coleguinha? Ela tinha uma roupinha?

-Não!!! Responderam todos juntos. Estava de cabelo bem arrumado? Continuaram respondendo que não.

-Querem ver como a Mariana está?

-Sim!!! Responderam todos juntos.

Então fiz uma cara de suspense e retirei a Mariana da sacola.

Ela estava com os cabelos bem arrumadinhos, amarrados em um rabo de cavalo. Estava vestida com uma blusinha amarela, tomara-que-caia amarrada no pescoço e na cintura. Também estava uma saia vermelha pregueada e a barra cheia de pontas. As pregas da saia foram coladas com cola branca e uma fitinha dobrada, como se fosse um cinto, mais largo na cintura, para ficar um pouco mais reforçado, pois tudo foi feito com papel crepom.

Perguntei à criança como ela apresentou à boneca à sua família:- Eu disse à minha mãe que a “Mariana” é muito bonita, educada e carinhosa e que não vai dar trabalho nenhum. Que ela era uma amiguinha da sala e que todos iriam cuidar dela. Ela não tem os pezinhos mãe, mas ela ainda vai ganhar uma cadeira de rodas. A minha mãe gostou muito da Mariana tia, e disse que ia fazer uma roupinha pra ela, com uns papeis que tinha lá em casa, pois não ia deixá-la ficar sem roupinha. Eu ajudei e escolhi as cores de papel para a blusinha e a saia dela, pois lá em casa não tinha pano pra fazer roupinha de verdade pra Mariana. Eu perguntei:

-E o que fizeram depois que sua mãe fez as roupinhas pra ela? Já foi vestindo-a?

-Não tia. Eu queria dar banho nela primeiro, para ela ficar bem bonita e cheirosa. Minha mãe deixou eu pegar uma toalha, sabonete e a banheira de uma das minhas bonecas e fui dar banho nela. Passei sabonete, shampoo para lavar o cabelo dela, e ela ficou bem limpinha e cheirosa. Depois é que minha mãe vestiu as roupinhas nela. Depois eu ia passar o final de semana com meu pai e levei a Mariana comigo.

Esta é a história que a família escreveu:

“Esse final de semana fui para casa de meu pai. Apresentei a Mariana para a tia Jú e para o meu pai. A Mariana é uma menina muito gentil, assistimos filme juntas, “O segredo dos guardiões”. Adorei estar com Mariana. Andamos de bicicleta, brincamos no parque, no escorregador. Nos divertimos muito na casa de meu pai”.

Na escola, no início do ano letivo, cada professor e cada professora escolhe um autor para trabalhar suas obras com a turma, e eu escolhi Mary França. No final do ano, em novembro, será apresentado, na “Mostra Cultural”, trabalhos desenvolvidos com a turma, relacionados à algumas obras dos autores escolhidos. Então decidi unir o autor da sala com o Projeto Mariana, pois são obras fáceis de relacionar com a diversidade e as diferenças.

Um dos primeiros livros que li para eles desta autora, foi a história “Pato Magro e Pato Gordo”. Ao iniciar uma história, sempre mostrando a capa do livro a toda turma, para estimular a imaginação e curiosidade, digo que a Mariana gosta de ouvir histórias. A história é iniciada com um pato gordo que vê um pato magro que gostariam cada um, de ser parecido com o outro.

Eu pergunto se alguém já quis ser parecido com outra pessoa. A maioria diz que sim. Pergunto porquê. Algumas meninas dizem que queriam ter o cabelo comprido, ou lisos, ou loiros. Os meninos também queriam ser mais altos, mais fortes etc.

Então pergunto se a Mariana iria querer ser diferente do que ela é. As crianças disseram que acham que ela iria querer ter os pés. Então continuo explorando a imaginação deles. Pergunto se ela pode conseguir isso. Eles ficam em silêncio por alguns instantes e logo alguém diz que se ela fosse ao médico, talvez ele pudesse fazer uns pés para ela. Mas isso não significa que ela será outra pessoa e sim a mesma Mariana.

Então esclareço que ninguém consegue ser outra pessoa. O que conseguimos, em determinadas situações, é modificar algumas coisas, como seria o caso da Mariana, se ela ganhasse pés, que seriam as próteses. Mas ela ficaria feliz em ganhar uma cadeira de rodas também, pois ela, a partir de então conseguiria locomover-se com mais independência. Esclareço que as próteses são feitas para tentar substituir uma perna, mão ou pé que alguma pessoa não tem, para tentar melhorar a vida da pessoa. Por isso, algumas pessoas usam cadeiras de rodas para andar, ou muletas e outras usam a prótese. Até mesmo quem precisa usar óculos, como a “tia” Vanda e dois colegas da turma, pois sem eles, a gente não consegue ver bem.

Ao referir-me às histórias lidas na sala de aula, outro livro bastante comentado pelas crianças, foi o da autora Georgina Martins (2007), “Com quem será que me pareço?”. A boneca Mariana, fica na roda, com as crianças, participando do momento de escuta da história. Começo a leitura, pedindo que todos prestem atenção na história, pois a Mariana também quer ouvir e aprender: Inicio sempre mostrando a capa do livro para que observem a ilustração. Logo no início do livro tem um menino com cabelos avermelhados e arrepiados e ao lado um pequeno mico-leão-dourado com as mesmas características da criança.

-O que vocês estão vendo nesta ilustração? Uma menina levanta a mãozinha e dou-lhe a palavra.

-Um menino e um macaquinho. Ela responde:

-E o que mais vocês percebem? Todos querem falar ao mesmo tempo. Peço a um menino que responda.

-Eles são parecidos tia.

-Muito bem! Agora vamos ouvir e prestar atenção em todas as ilustrações. Será se tem alguém parecido com a Mariana? Ela também quer saber. A história do livro transcorre em um zoológico, onde uma panterinha-negra perguntou à sua mãe com que menina ela se parece. Mostro a linda ilustração, da panterinha imaginando a menina com quem se se parece. Ou seja, a ilustração evoca a imaginação infantil. Mostro a ilustração bem devagar, para que cada criança perceba as semelhanças de forma tão harmoniosa.

E assim continua no decorrer de toda a história a oncinha-pintada fazendo a mesma pergunta à sua mãe e ela imaginando a menina com quem ela se parece

Nesta parte eu também me incluo na imaginação das crianças, chamando sua atenção para que percebam que a tia Vanda também possui sardas, como a menininha e a oncinha. Neste momento, outras crianças também se identificam, dizendo que também possui “pintinhas” ou sardas, como expliquei. Na história tem um ursinho marrom, um gatinho bem branquinho, um carneirinho com pelos encaracolados, o mico-leão-dourado (do início do livro), e até um bicho preguiça. E ao final uma ilustração de cada bichinho e da criança. A turma adorou a história e disseram que a Mariana é um pouco parecida com a onça-pintada, e também muito parecida com uma colega deles.

Foi uma história muito proveitosa, onde as crianças manifestaram suas opiniões, falaram sobre a cor da pele, de quem possuía a mesma cor de pele do coleguinha. Quem possuía o cabelo encaracolado e liso, quem usa óculos como a tia e um menino e uma menina da turma. Expliquei porque nós precisamos usar óculos e que mesmo assim somos capazes de fazer as mesmas coisas que todos.

Diversos livros que abordam os temas transversais sobre diversidade, inclusão e etnia foram lidos e explorados pelas crianças da educação infantil, e entre eles houve mais um que foi de grande relevância para o desenvolvimento da ação interventiva do projeto “Mariana” que foi um livro de Ana Maria Machado, “Menina bonita do laço de fita”, onde a autora escreve sobre uma menina negra. A Mariana

estava na roda com as crianças, como sempre acontece todas as manhãs, e assim que lemos a história da visita da Mariana na casa do colega, sempre elogiando os cuidados que a criança teve com a Mariana e agradecendo também à família. Então chega a hora da história. Todas as crianças querem ver a capa do livro para saber qual será a história do dia. Eles observam atentamente a capa, mas não manifestam compreender do que se trata. Então, peço silêncio e pergunto:

-Todos querem ouvir a história? E todos respondem que sim.

-A Mariana está muito curiosa também, não é mesmo crianças? Repetem a resposta. A partir de então, dou início a leitura. A autora fala das características da menina: “Os olhos pareciam duas azeitonas pretas, daquelas bem brilhantes. Os cabelos eram enroladinhos e bem negros, feito fiapos da noite. A pele era escura e lustrosa, que nem o pelo da pantera negra [...]”. Todos ouvem atentos. Mostro a primeira ilustração, sem acrescentar nenhum comentário, esperando que eles tirem suas conclusões. Continuo a leitura e nesta página me surpreendi com a rapidez das crianças. A autora diz que a mãe da menina gostava de fazer trancinhas no cabelo dela e amarrar com um laço de fita. Ao mostrar a ilustração, da menina negra, com tranças nos cabelos, rapidamente as crianças identificam a menina da história como se fosse uma colega, dizendo:

-É a Caroline (nome fictício). Ela é igualzinha.

As amigas dizem que é mesmo. A criança citada por eles fica feliz com a comparação.

Espero que se acalmem e continuo com a leitura: um coelho bem branquinho acha a menina negra muito linda e tenta descobrir como ela conseguiu ficar com uma cor tão linda. E ao final da história o coelho branquinho conhece uma coelha negra. Enfim, a família cresce e os filhotes são brancos, pretos, cinzentos. Então, em seguida, começo a explorar o sentido da história.

-A história fala apenas das meninas lindas negras? Ao que a maioria responde que não. Algumas crianças ficam dispersas, não conseguem acompanhar os colegas. Muitas vezes estão inquietos, mais interessados em brincar, mas consigo chamar a atenção deles ao falar sobre os coelhos.

-Por que tem filhotinhos de várias cores?

-Porque o coelho branco casou com uma coelha preta. Responde uma criança mais atenta.

-Vocês gostariam de ter um coelhinho destes? E qual você escolheria? Aponto uma criança para responder. Ele responde que iria gostar de ficar com um branco meio cinza. Alguém escolheu um branquinho e disse que era o que a Mariana tinha gostado. Outro achou lindo um todo pretinho... enfim, cada criança gostava de um. Então eu disse:

-Aqui tem alguma criança igualzinha a outra? A maioria respondeu que não. Então eu continuei:

-As pessoas também são assim. Todas diferentes umas das outras. Um alto, outro baixo, gordo ou magro, negro ou branco, menina e menino, uma pessoa com cadeira de rodas, um cadeirante, (expliquei o que é cadeirante) como a nossa Mariana. Outro especial, como o coleguinha de vocês. Logo uma criança me disse:

-A Mariana não é cadeirante, porque ela não tem uma cadeira de rodas.

-Ainda não tem, porque não conseguiu ganhar uma que servisse, pois ela é bem pequena ainda não é crianças? Todos olharam a pequena boneca nas mãos do coleguinha e disseram que sim. Então eu continuei. Procurei demonstrar de maneira simples e clara sobre o que eu estava falando. Coloquei um menino e uma menina na frente deles e fui perguntando:

-São dois meninos? Responderam que não, que era um menino e uma menina.

Pedi que um deles voltasse ao seu lugar e me coloquei na demonstração.

-A tia é da mesma altura que o coleguinha? Enfim, explorei tudo que foi possível, cor da pele, gordo ou magro, a idade. Logo após a leitura, as crianças fizeram desenhos sobre o que compreenderam da história. Alguns desenhos representavam uma família inteira, com características diversas. Outros fizeram uma porção de coelhos, como descrito pela história.

7 ANÁLISE E DISCUSSÃO DO PROJETO INTERVENTIVO

O Projeto Mariana, que é um projeto interventivo, foi desenvolvido de forma flexível, com finalidade pedagógica e social no qual estão presentes as “dimensões afetiva, cognitiva, linguística, ética, estética e sociocultural da criança” conforme as Diretrizes curriculares da Educação infantil (BRASIL, 2010, p. 19). O Projeto Mariana foi iniciado em abril de 2015 em uma Escola Classe do DF com uma turma de 2º Período da Educação Infantil. A turma possui 20 alunos, composta por 12 (doze) meninas e 08 (oito) meninos, sendo que um dos meninos possui o Transtorno do Espectro Autista (TEA). Quando o projeto teve início, a idade das crianças estava entre 04 (quatro) a 06 (seis) anos.

Conforme defende Martín (1995), o processo de ensino e aprendizagem é uma interação centralizada nas atividades, pois o conhecimento é construído em conjunto, ou seja, entre duas ou mais pessoas. Tal perspectiva abrange inteiramente o projeto Mariana, que foi realizado em parceria com a escola, alunos, professora e a família.

O presente trabalho exhibe resultados parciais do projeto, visto que o tempo de duração do projeto é de todo o ano letivo, ou seja, ainda está em andamento. Os dados e materiais foram colhidos ao longo do desenvolvimento do projeto, quais sejam: (i) desenhos e descrição da visita da boneca Mariana junto às famílias; (ii) questionamentos às crianças sobre diversidade, deficiências, etnia; (iii) leitura complementar de livros infantis que tratam da diversidade em vários aspectos; e (iv) registro formal das famílias e dos desenhos das crianças.

O Projeto Interventivo Mariana apresenta características próprias: é contínuo - em relação ao seu desenvolvimento durante o ano letivo, sendo constantemente atualizado quanto ao tema da discussão diária, conforme demanda do momento, um assunto ou questionamento das crianças ou mesmo do livro que foi apresentado na roda de conversa. Conforme Piaget (2005) e Bettelheim (2015), nesta fase a criança consegue simbolizar, ou seja, usar a imaginação para compreender a realidade.

A roda de conversa é o local onde as reflexões são realizadas diariamente. Nela, as crianças têm a possibilidade de falar como foi seu dia, contar alguma novidade para a turma e também relatar como foi a visita da Mariana em sua casa. Antes de finalizar a conversa, todo dia é lido um livro referente ao tema, de histórias, contos de fadas, pois é importante para a formação, aperfeiçoamento da personalidade e lógica das crianças, é indispensável que ela fantasie, sendo que isto

acontece conforme a qualidade e possibilidades, proporcionada pelo atual momento social e cultural, conforme estudos de Sarmiento (2003). Durante a roda há a explicação do próximo passo e a exposição da rotina do dia. Segundo Bettelheim (2015), os contos de fada assumem um valor inestimável à imaginação infantil, porque seu conteúdo e formato insinuam imagens para as crianças com as quais ela poderá organizar suas fantasias, visto que seria um grande obstáculo ela própria desvendar “de modo tão autêntico”. Após a leitura da história, as crianças fazem um desenho com giz de cera, lápis de cor, tinta guache, sobre o que mais gostaram na história, ou mesmo o que compreenderam. Isso é rotina na sala de aula.

Durante a roda de conversa, enquanto as crianças estão falando de suas experiências da visita da Mariana em sua casa, foram feitas breves anotações de teor relevante ao desenvolvimento do projeto, relatando posteriormente as informações com maiores detalhes. As considerações sobre o Projeto Interventivo Mariana são distintas, pois propõem uma aceitação de todas as “raças/etnias, religiões, classes sociais, origens e locais de moradia, gêneros, independente de qualquer condição dos pais, favorecer trocas e interações, respeitar diferenças e deficiências, promover autoestima e bem-estar conforme as Diretrizes curriculares da Educação infantil (2010) considerando os princípios éticos, políticos e estéticos. Nossas análises são sempre construídas a partir do lugar que ocupamos e este olhar parcial, incompleto, faltante, precisa ser modificado pela convivência com o outro, pela aproximação com as distintas realidades que nos envolvem. (ZIBETTI, 2013).

Durante a Coordenação Pedagógica e Coletiva, ao nos ser solicitado pela direção que trabalhássemos sobre diversidade, etnia e inclusão, falei sobre o desenvolvimento do projeto, que minha turma já tinha conhecimento desses temas. Falei do projeto e o que minha turma já vivencia com o desenvolvimento do projeto desde o primeiro semestre do ano letivo e o quanto eles estão interagindo bem com o desenvolvimento do mesmo.

O Projeto Interventivo Mariana, possui um caráter de reflexão, debate e envolvimento familiar e traz a possibilidade de que os professores aprendam a olhar a diversidade como um todo, proporcionando discussões relevantes na turma e abordando temas dentro do Currículo em Movimento da Educação Infantil, e desta forma, proporcionando uma maior compreensão e aceitação das diferenças entre os seres humanos.

O Projeto Interventivo levou-me a perceber que o aluno reproduz o que ele vive na família, sua história. Ele consegue identificar e responder aos questionamentos de acordo com o que se espera dele, ou seja, a resposta correta sobre as diferenças, diversidade, respeito. Conforme Turner (1984) apud (BATISTA & ENUMO, 2004), ser amável, sociável e ser bonito influenciam no relacionamento entre colegas, pais e professores. Mas, de acordo com Turner (1987, citado por Harris, 1995, 1999) apud Batista e Enumo (2004), sentir-se parte do grupo, não depende de tais condições. Este fazer parte, está vinculado ao contexto social sendo portanto, variável e exclusivo de uma determinada situação.

Concordo com os autores, que ao tratar-se de “ser bonito, amável, sociável influenciam no relacionamento entre colegas, pais”, pois conforme observações na turma, tive a oportunidade de constatar exatamente isso: uma criança amável, bonita influencia no relacionamento com os colegas sim, em determinados momentos e com alguns grupos, pois trata-se de um menino com uma aparência encantadora, bonita, conforme as meninas que o cercam. Elas disputam sentar-se ao seu lado na rodinha, querem sempre estar com ele. Como gostam de brincar de casinha, adoram fazer de conta que ele é o bebê. E ele aproveita-se desta situação. Observei, certa vez, que até mesmo um irmão dele, uns 3 ou 4 anos mais velho, o pegou no colo como um bebê. Entretanto, isso não é suficiente para que ele seja aceito por todos os grupos, pois diversas vezes existem conflitos na hora das brincadeiras, no parquinho, ou seja, ele não é aceito em todos os grupos simplesmente por seus encantos, ao tratar-se de seu convívio com o grupo, algumas vezes, ele age ou reage na busca por seu espaço, agredindo verbalmente e fisicamente seus colegas.

De acordo com Harris (1999), apud Batista e Enumo, (2004), as crianças aprendem não apenas com os pais, livros ou televisão. Quando elas brincam, desenvolvem a personalidade e linguagem. E as “brincadeiras de faz-de-conta são especiais para elas, e os exemplos preferidos são outras crianças”. Conforme Batista e Enumo (2004), pertencer a um grupo não depende das relações próximas, e sim o grupo com o qual se identifica psicologicamente.

Portanto, faz-se necessário rever as questões de envolvimento da família no projeto, visto que ele pode contribuir para a construção da ideia de que os alunos da Educação Infantil estão em processo de formação de sua identidade, portanto propensos a uma melhor aceitação e vivência da importância da inclusão, de aceitação das diferenças e do outro como ele é, do respeito às diferenças étnico-

raciais e à diversidade cultural existentes, assim como o respeito à todas as diferenças de gênero, sexo, etnia, religião, deficiências.

Na expectativa de respeito à todas as diferenças, Boff (2009), defende que cada indivíduo é único, possui uma forma diferente dos demais, ou seja, não existe outro igual, sendo necessário a aceitação do outro como ele é, pois ninguém é igual a ninguém.

Nesta abordagem de aceitação da diversidade, o livro “com quem será que me pareço”? de autoria de Georgina Martins (2007), foi muito interessante e bastante apreciado pelas crianças. Este é apenas um exemplo dos livros que foram introduzidos na rotina das crianças. Mas como foi bastante interessante, farei breves relatos das falas e comentários das crianças relacionadas à história.

No momento da história, a boneca Mariana, fica na roda, com as crianças, participando do momento de escuta. Começo a leitura, pedindo que todos prestem atenção na história, pois a Mariana também quer ouvir e aprender: Início sempre mostrando a capa do livro para que observem a ilustração, falo sobre o autor/a do livro, quem fez as ilustrações. Logo no início do livro tem um menino com cabelos avermelhados e arrepiados e ao lado um pequeno mico-leão-dourado com as mesmas características da criança.

-O que vocês estão vendo nesta ilustração? Uma menina levanta a mãozinha e dou-lhe a palavra.

-Um menino e um macaquinho. Ela responde.

-E o que mais vocês percebem? Todos querem falar ao mesmo tempo. Peço a um menino que responda.

-Eles são parecidos tia.

-Muito bem! Agora vamos ouvir e prestar atenção em todas as ilustrações. A história do livro transcorre em um zoológico, onde uma panterinha-negra perguntou à sua mãe com que menina ela se parece. Mostro a linda ilustração, da panterinha imaginando a menina com quem se se parece. Ou seja, a ilustração evoca a imaginação infantil. Mostro a ilustração bem devagar, para que cada criança perceba as semelhanças de forma tão harmoniosa.

Percebe-se a relevância da Educação Infantil neste contexto, pois esta possui um papel importantíssimo na formação da personalidade da criança, visto que permite a sua adaptação à vivência em comunidade, em grupos que vão além dos limites familiares, e contribui para a formação do eu psíquico. A escola pode

estimular o desenvolvimento de valores saudáveis nas interações, tais como a cooperação, a solidariedade, o companheirismo e o coletivismo.

8 CONCLUSÃO

O Projeto Interventivo “Mariana” foi recebido com um grande entusiasmo pela turma. Todas as crianças ficaram ansiosas para levar a nova amiguinha para casa. Também as famílias, equipe pedagógica e os outros profissionais da instituição, ao tomarem conhecimento dos objetivos do projeto, demonstraram interesse e aprovação pelo tema.

Os estudos de Pimentel (2012) defendem que a escola deve tomar para si uma postura de construtora da igualdade, visando incluir na organização social aqueles que vêm sendo excluídos. A proposta de inclusão colocou para a escola regular o desafio da atenção à diversidade. Para Boff (2009), cada indivíduo é único, possui uma forma diferente dos demais, ou seja, não existe outro igual. Mas faz parte de algo maior, uma família, uma comunidade. Com vistas ao que os autores defendem, ao introduzir o objeto de intervenção, a boneca Mariana, na educação infantil, utilizando o faz de conta, a imaginação das crianças e o resultado foram bem além do esperado.

Durante o desenvolvimento do projeto, pude constatar que as crianças compreendem o que são estas diferenças de gênero, cor, idade, deficiências e foram incentivadas a respeitarem a todas as formas de diversidade.

No ambiente escolar, elas convivem com um colega autista e a maioria possui muito carinho por ele, o respeitam e ajudam-no, dividem os brinquedos e conseguem compreender quando a “Tia Vanda” precisa atendê-lo individualmente em determinados momentos ou até mesmo quando peço que eles fiquem dentro da sala brincando, pois preciso buscar o colega de vocês. Eles dizem: ele é “especial” né tia? Certamente que alguns manifestam “ciúmes” ou mesmo querem que eu lhes dê a mesma atenção, e algumas vezes querem fazer as mesmas atividades que o coleguinha.

Acredito que o projeto foi de um alcance ainda maior que o esperado inicialmente. Com a consciência de que as diferenças existem e não necessitam ser mascaradas, que fazem parte do processo do desenvolvimento. O envolvimento das famílias com o projeto foi essencial, visto que possibilitou a constatação de que a maioria compreendeu os objetivos do projeto e deram apoio total todas as vezes que a boneca os visitou. Desta forma foi possível um avanço valioso não apenas no que tange ao desenvolvimento do projeto, mas também na concepção de diversidade e respeito às diferenças étnico-raciais, de gênero, deficiências e demais diferenças

existentes na sala de aula, mas que também espero que ultrapassem os muros da instituição educacional e que as crianças levem este aprendizado em todo o seu amadurecimento enquanto pessoa. Tratando-se de minha postura pessoal e profissional, pretendo levar este projeto para as outras escolas e aperfeiçoá-lo cada vez mais, pois a constituição do ambiente escolar varia, assim como as turmas. Fiquei muito feliz em proporcionar às crianças uma forma bastante lúdica, divertida e original de compreensão e respeito à diversidade e diferenças. Essa perspectiva, creio, também se estendeu ao ambiente familiar no qual a criança convive fora da escola.

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Paulo Nunes de. **Educação Lúdica: técnicas e jogos pedagógicos**; Loyola, 11^a ed. São Paulo, 2003. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=fzErzs9UkwC&oi=fnd&pg=PA17&dq=educa%C3%A7%C3%A3o+l%C3%BAAdica:+t%C3%A9cnicas+e+jogos+pedag%C3%B3gicos+de+paolo+nunes+de+almeida+2003&ots=QRq83xNSJ&sig=Vx846CwGf51Y9Xcc3MYaGZwfEA#v=onepage&q&f=false>> Acesso em: 15 ago.2015
- BARBOSA, Maria Carmem S. **Culturas escolares, culturas de infância e culturas familiares: as socializações e a escolarização no entretecer destas culturas Educação e sociedade**, 2007 - SciELO Brasil. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a2028100.pdf>> Educ. Soc., Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1059-1083. out. 2007.Acesso em 25 ago. 2015
- BATISTA, Welby Marcus; ENUMO, Sônia Regina Fiorim. **Inclusão escolar e deficiência mental: análise da interação social entre companheiros. Estudos da psicologia**; 2004. Universidade Federal do Espírito Santo. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v9n1/22386.pdf>>Acesso em: 26 jul.2015
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. São Paulo: Paz e Terra, 2015, p.1-92. E-book. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=&id=WPI9CQAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT4&dq=a+psican%C3%A1lise+dos+contos+de+fadas&ots=tcSkhjfk&sig=fUqBa3d8v43GtY8wCNzthJcGUkw#v=onepage&q=a%20psican%C3%A1lise%20dos%20contos%20de%20fadas&f=false>> Acesso em: 25 ago.2015.
- BOFF, Leonardo. **O despertar da águia: o dia-bólico e o sim-bólico na construção da realidade** 21. ed. — Petrópolis,RJ: Vozes, 2009.Disponível em: <<http://scholar.google.com.br/scholar?hl=ptBR&q=O+despertar+da+%C3%A1guia+de+Leonardo+Boff&btnG=&lr=Acesso>> em: 12 ago.2015
- BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 6 ed. Brasília: Câmara do Deputados, Edições Câmara, 2011. Atualizada em 25/10/2011.
- Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil /Secretaria de Educação Básica**. – Brasília : MEC, SEB, 2010.Disponível em:<<http://substituto2015.fepese.org.br/%3Fgo%3Ddownload%26arquivo%3D06>> Acesso em: 21 set. 2015
- Dicionário online de português**: In organizadores SANTOS, Debora R; NEVES, Flavia de S; MORAIS, José João; CABRAL, Luis Felipe. Disponível em:<<http://www.dicio.com.br/diversidade/>> Acesso em: 11 ago.2015
- Dicionário Priberam da Língua Portuguesa** [em linha], 2008-2013. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/sobre.aspx>> Acesso em: 11 ago.2015
- FLEURI, Reinaldo M. **A produção das diferenças pela escola**;; NEVES, Josélia G (coord). Escolarização, cultura e diversidade: percursos interculturais. Porto Velho: EDUFRO, 2013. p. 10-17. E-book. Disponível em: <http://www.edufro.unir.br/submenu_arquivos/689_escolarizacao,_cultura_e_diversidade.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2015.
- FRANÇA, Mary. **Pato magro, pato gordo**. Editora Ática; 2^a ed. São Paulo:1991. (Coleção Gato e Rato).
- _____. **Bicho feio, bicho bonito**. Editora Ática; 5^a ed. São Paulo: 2006.. (Coleção Gato e Rato).

- MACHADO, Ana Maria. **Menina bonita do laço de fita**. Editora Ática; 7ªed. 2004. (Coleção barquinho)
- MARTIN, Elena; MARCHESI, Alvaro, **Desenvolvimento Metacognitivo e Problemas de Aprendizagem** In organizadores COLL, César, PALACIOS; Jesús; MARCHESI, Alvaro. **Desenvolvimento psicológico e educação: necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar**.trad. Marcos A. G. Domingues. Porto alegre: Artes Médicas, 1995. Capítulo 2, p 24-35.
- MARTINS, Elita Betania de Andrade. **A Diversidade e a Prática Pedagógica: Algumas reflexões** (sd). Disponível em: <<http://re.granbery.edu.br/artigos/Mjl0.pdf>>
Acesso em: 13 ago. 2015
- MARTINS, Georgina. **Com quem me pareço?** Editora Planeta Jovem; 1ª ed. 2007.
- MORIN, Edgar. 1921- **Os sete saberes necessários à educação do futuro**.(livro eletrônico); tradução de Catarina Eleonora F. da Silva, Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. 1 ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2013. Disponível em:<<https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=&id=9cnFAwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT5&dq=OS+SETE+SABERES+DA+EDUCA%C3%87%C3%83O+DO+FUTURO&ots=ufA1NVewRD&sig=1HQg2dcj8HujHkTKENEDgTkNA#v=onepage&q=OS%20SETE%20SABERES%20DA%20EDUCA%C3%87%C3%83O%20DO%20FUTURO&f=false>>.
Acesso em: 26 ago.2015
- PADILHA, Paulo Roberto. **Educar em todos os cantos: Por uma educação intertranscultural**. São Paulo, Cortez/IPF, 2007. Disponível em:
<http://www.edufro.unir.br/submenu_arquivos/689_escolarizacao,_cultura_e_diversidade.pdf#page=18> Acesso em: 13ago. 2015
- PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**: Tradução Maria Alice Magalhães D'Amorim; Paulo Sérgio Lima silva. 24 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- PIMENTEL, Susana Couto. **Conviver com a Síndrome de Down em Escola Inclusiva - Mediação pedagógica e formação de conceitos**; Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. (Coleção Educação Inclusiva)
- PULINO, Lúcia Helena Cavasin Zabotto. N. H. B de. **Direitos Humanos e Educação em Direitos Humanos: Diversidade Cultural e Ambiente Escolar**. In: Plataforma Aprender - Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Educação em e para os Direitos Humanos no Contexto da Diversidade Cultural. (Módulo I). Brasília: Instituto de Psicologia/Universidade de Brasília, 2015. Disponível em: <<http://aprender.ead.unb.br/course/view.php?id=1153>>.
Acesso em: 05 de agosto/2015.
- SARMENTO, Manuel Jacinto; **IMAGINÁRIO E CULTURAS DA INFÂNCIA**. Instituto de estudos da criança. Universidade do Minho. (2003). Disponível em:<http://www.titosena.faed.udesc.br/Arquivos/Artigos_infancia/Cultura%20na%20Infancia.pdf>
Acesso em 02 ago.2015
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **A busca do sentido da formação humana: tarefa da Filosofia da Educação**. Universidade de São Paulo. 2006. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/ep/v32n3/a13v32n3.pdf>>
Acesso em: 09 ago.2015
- SOUZA MARTINS, Heloisa Helena T. **Metodologia qualitativa de pesquisa**. Universidade de São Paulo. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.30, n.2, p. 289-300, maio/ago. 2004. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/ep/v30n2/v30n2a07.pdf>>
Acesso em: 25 ago.2015
- VASCONCELOS, Maria Lúcia M. Carvalho; BRITO, Regina Helena Pires. **Conceitos de educação em Paulo Freire**. Ed Vozes, Petrópolis, RJ. 2006. Disponível em:
<<https://books.google.com.br/books?id=uNkbBAAAQBAJ&pg=PA83&lpg=PA83&dq=%E2%80%9C>

a+educa%C3%A7%C3%A3o+tem+car%C3%A1ter+permanente.+N%C3%A3o+h%C3%A1+seres+educados+e+n%C3%A3o+educados,+estamos+todos+nos+educando.+Existem+graus+de+educa%C3%A7%C3%A3o,+mas+estes+n%C3%A3o+s%C3%A3o+absolutos%E2%80%9D.&source=bl&ots=KMN1ei7bWt&sig=NNfEzNq0lpzBE67055hvPnldhA&hl=ptBR&sa=X&ved=0CD0Q6AEwB2oVChMI7XpkZ2cxwIVxlCQCh0xfw5f#v=onepage&q=%E2%80%9Ca%20educa%C3%A7%C3%A3o%20tem%20car%C3%A1ter%20permanente.%20N%C3%A3o%20h%C3%A1%20seres%20educados%20e%20n%C3%A3o%20educados%2C%20estamos%20todos%20nos%20educando.%20Existem%20graus%20de%20educa%C3%A7%C3%A3o%2C%20mas%20estes%20n%C3%A3o%20s%C3%A3o%20absolutos%E2%80%9D.&f=false>

Acesso em: 09 ago.2015

VIGOTSKI, Lev Semenovitch, **A Formação Social da Mente: o Desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores**. Organizadores Michael Col... [et al]; tradução José Cipolla Neto, Luis Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 6ª Ed. São Paulo: Martins fontes, 1998.(Psicologia e Pedagogia).

VIGOTSKI, Lev Semenovitch; LURIA, Alexander Romanovich; LEONTIEV, Alex N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. Aprendizagem e Desenvolvimento Intelectual na Idade Escolar**. Tradução Maria da penha Villalobos. São Paulo: Ícone, 2001. (p. 103- 117)

VOIVODIC, Maria Antonieta M. A. **Inclusão escolar de crianças com Síndrome de Down**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

VOKOY, Tatiana; PEDROZA, Regina L. Sucupira. **Psicologia escolar em educação infantil: Reflexões de uma atuação**. 2005. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/pee/v9n1/9n1a09.pdf>>
Acesso em: 26 jul.2015

WALLON, Henri.: ALFANDERRY-Gratiot, Hélène.Tradução e organização: Patricia Junqueira. Recife. Fundação Joaquim Nabuco.Massangana, 2010. 134p. (coleção educadores) Disponível em:
http://www.usjt.br/cursos/lacce/pedagogia/noticias/2011/educadores/MEC_Wallon.pdf
Acesso em: 23 maio 2013

WALLON, Henri.: ALFANDERRY-Gratiot, Hélène.Tradução e organização: Patricia Junqueira. Recife. Fundação Joaquim Nabuco.Massangana, 2010. 134p. (coleção educadores) Disponível em:
<http://www.usjt.br/cursos/lacce/pedagogia/noticias/2011/educadores/MEC_Wallon.pdf>
Acesso em:23 maio 2013

ZIBETTI, Marli Lúcia Tonato. **EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE: DESAFIOS À PRÁTICA PEDAGÓGICA**,2013. Disponível em:
<http://www.edufro.unir.br/submenu_arquivos/689_escolarizacao,_cultura_e_diversidade.pdf#page=18>Acesso em: 11 ago.2015

ANEXOS

ANEXO A – Primeira história do Projeto “Mariana”, escrita pela família da criança e com o desenho realizado por ela.

ESCOLA CLASSE 415 NORTE
2º PERÍODO- PROJETO CONVIVÊNCIA
FAMÍLIA, AJUDE SEU/SUA FILHO(A) A DIZER COMO FOI A VISITA DA MARIANA

Esse final de semana fui para casa do meu pai.
Apresentei a Mariana para a Tia Ji e para o meu pai.
A Mariana é uma menina gentil, assistimos filme juntas,
"O Segredo dos guardiões". Adorei estar com Mariana.
Andamos de bicicleta, brincamos no parque, no escorregador.
Nos divertimos muito na casa do meu pai.

ALUNO(A) MANUELA MAIA

FAÇA O DESENHO COM A MARIANA



ANEXO B- TRABALHO REALIZADO PELA CRIANÇA AUTISTA

ESCOLA CLASSE 415 NORTE
2º PERÍODO- PROJETO CONVIVÊNCIA
FAMÍLIA, AJUDE SEU/SUA FILHO(A) A DIZER COMO FOI A VISITA DA MARIANA

SAMUEL GOSTOU DA MAMANA, ELA ALMOÇOU COM SAMUEL E A IMAGINHA DO SAMUEL QUE SE CHAMA JÚLIA. SENTARAM NA MESA JUNTINHOS, E DEPOIS DO ALMOÇO COMERAM GELÉIA.
MAMANA SENTOU DO LADO DO SAMUEL PARA FAZER O DESENHO QUE ESTÁ ABAIXO.
FOI UM DIA BEM LEGAL.

ALUNO(A) S. A. M. U. T. I. S. T. A SAMUEL DE HOLANDA NATES
FAÇA O DESENHO COM A MARIANA



ANEXO C – A SEGUIR, ALGUNS DOS TRABALHOS REALIZADOS PELA TURMA.

ESCOLA CLASSE 415 NORTE
2º PERÍODO- PROJETO CONVIVÊNCIA
FAMÍLIA, AJUDE SEU/SUA FILHO(A) A DIZER COMO FOI A VISITA DA MARIANA

Hoje eu dei banho na Mariana, dei uma roupa nova para ela e também passei perfume nela, nós brincamos, brincamos e nós brincamos muito e apresentei ela para a minha vizinha Natalia, e para a minha prima Kemili e para a minha irmã Sarah gostei muito da visita da Mariana espero tela na minha casa em breve

amizade: THALITA

fimo!

ALUNO(A) THALITA

FAÇA O DESENHO COM A MARIANA

ESCOLA CLASSE 415 NORTE
2º PERÍODO- PROJETO CONVIVÊNCIA
FAMÍLIA, AJUDE SEU/SUA FILHO(A) A DIZER COMO FOI A VISITA DA MARIANA

01
09
15

Hoje o dia foi muito legal pois Mariana voltou para passar o dia conosco e minha família. Mariana é uma menina muito comportada assistiu todos desenhos de vídeo. Queria muito apresentar a Mariana para meu amigo Junior, mas não teve como pois Junior passa o dia na escola mas vai ficar para próxima visita da Mariana. Bom a tarde foi o retorno de Mariana a minha casa. Amizade foi tudo perfeito

MIGUEL

ALUNO(A) MIGUEL

FAÇA O DESENHO COM A MARIANA

ESCOLA CLASSE 415 NORTE

2º PERÍODO- PROJETO CONVIVÊNCIA

FAMÍLIA, AJUDE SEU/SUA FILHO(A) A DIZER COMO FOI A VISITA DA MARIANA

Que bom que a marione retornou a minha casa pela segunda vez. foi tudo muito bom passamos a tarde brincando com as minhas bonecas e ela ganhou um vestido novo rosa de princesa ela está muito linda e elegante.

Tomamos um delicioso lanche da tarde um bife, e bazuinho de queijo tudo gostoso.

Momozê jogou marionete por ela se uma menina muito competido. vamos brincar e depois vamos dormir.

Obrigado marione espero que voc venha mais vezes quem sabe pare perto um final de semana. OK.

ALUNO(A)

L.A

FAÇA O DESENHO COM A MARIANA



20/05/15

ESCOLA CLASSE 415 NORTE

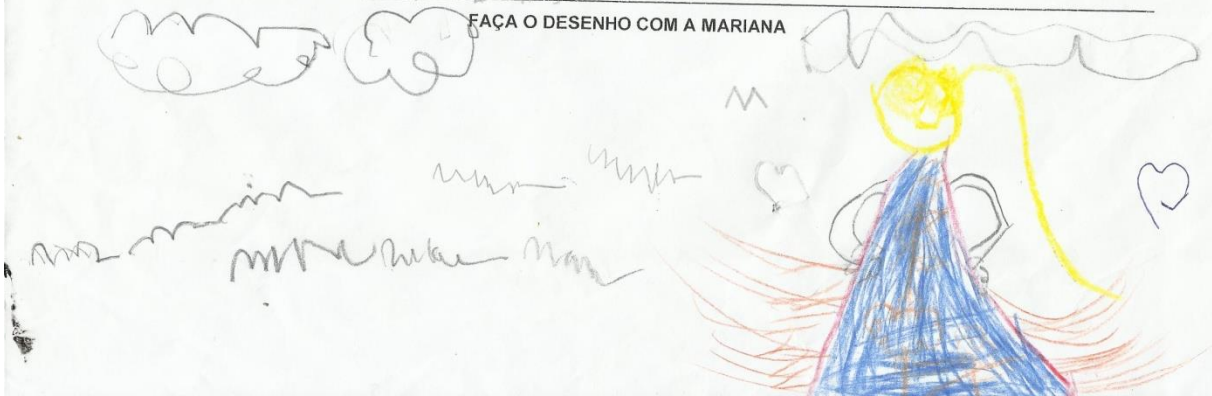
2º PERÍODO- PROJETO CONVIVÊNCIA

FAMÍLIA, AJUDE SEU/SUA FILHO(A) A DIZER COMO FOI A VISITA DA MARIANA

foi maravilhoso passar o dia com a Mariana, eu amei brincar no park, quando voltamos brincamos muito. Mariana e eu comemos frutas frescas e depois esse dia foi muito divertido. Mariana contou uma história, e aí fiz a lanche com Mariana. fiz o lanche com Mariana e foi muito divertido. Mariana e eu brincamos e depois Mariana contou uma história. Mariana e eu brincamos e depois Mariana contou uma história. Mariana e eu brincamos e depois Mariana contou uma história.

ALUNO(A)

FAÇA O DESENHO COM A MARIANA



26/05/15

ESCOLA CLASSE 415 NORTE
2º PERÍODO- PROJETO CONVIVÊNCIA
FAMÍLIA, AJUDE SEU/SUA FILHO(A) A DIZER COMO FOI A VISITA DA MARIANA

gostamos da visita da Mariana. Brucamos e nos divertimos com ela. apresentamos ela para nossa mãe e prima. depois Eu dei banho nela, pintei o cabelo dela e amarei com um beijo de Cavalito e minha mãe costurou a troupinha dela que ficou muito bonita.

Te amo Mariana!!!

ALUNO(A) THALITA

FAÇA O DESENHO COM A MARIANA



ESCOLA CLASSE 415 NORTE

2º PERÍODO- PROJETO CONVIVÊNCIA

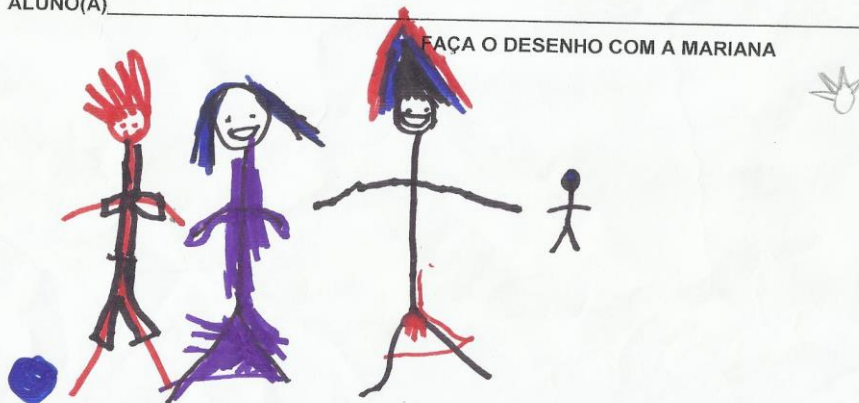
FAMÍLIA, AJUDE SEU/SUA FILHO(A) A DIZER COMO FOI A VISITA DA MARIANA

A minha amiga Mariana foi o xodó da casa assim que chegou. Mamãe ficou feliz porque havia uma menina em casa. Ela assistiu televisão conosco na sala e dormiu no meu quarto. Neste fim de semana recebemos visita e a Mariana brincou muito com minhas primas Raissa e Nathalia. Elas trouxeram outras amiguinhas para brincar com a Mariana também.

Mamãe queria comprar roupa nova para ela mas não foi possível. Eu tomei banho mas a Mariana não quis tomar banho. Fomos ao parquinho com minhas primas. A Mariana não queria ir. Ela partindo. Agora a Mariana vai dormir na casa de outro amiguinho e conhecer uma nova família.

ALUNO(A)

FAÇA O DESENHO COM A MARIANA



ESCOLA CLASSE 415 NORTE
2º PERÍODO- PROJETO CONVIVÊNCIA

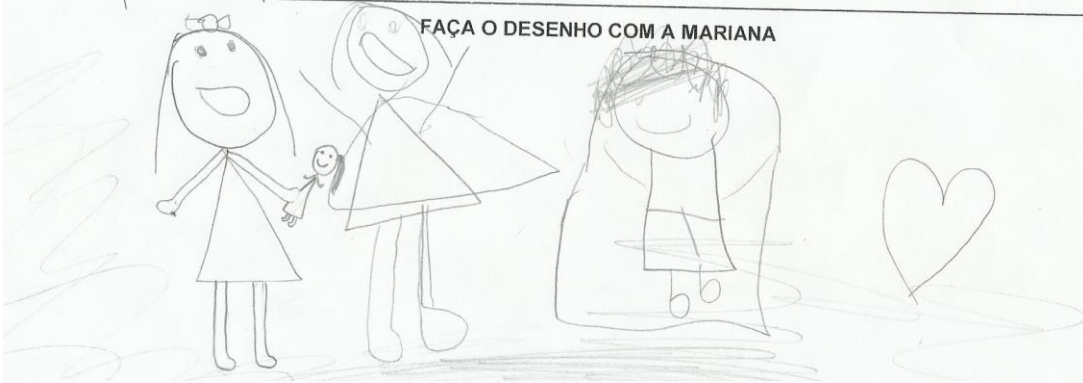
FAMÍLIA, AJUDE SEU/SUA FILHO(A) A DIZER COMO FOI A VISITA DA MARIANA

Hoje eu trouxe a Mariana para minha casa, apresentei-a para meu pai, minha mãe e meus amigos. Brincamos muito, jogamos no celular e fizemos tarefas juntas. Todos da minha casa adoraram a presença da Mariana pois é uma excelente companhia e super educada. Gostaria que ela viesse mais vezes visitar a minha casa pois é sempre bom ter uma parceira para as brincadeiras.

Um dia gostaria de apresentá-la a minha avó, espero que ela vá gostar! Bom, e essa foi a visita de Mariana à minha casa.

ALUNO(A) KEVELYN OLIVEIRA

FAÇA O DESENHO COM A MARIANA



ESCOLA CLASSE 415 NORTE

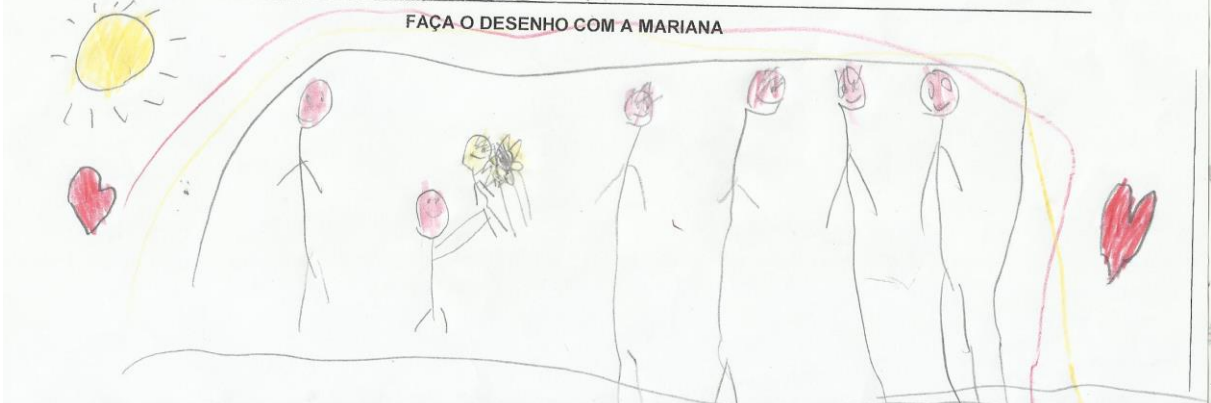
2º PERÍODO- PROJETO CONVIVÊNCIA

FAMÍLIA, AJUDE SEU/SUA FILHO(A) A DIZER COMO FOI A VISITA DA MARIANA

Foi muito bom receber a Mariana. Pedro não se deixou só. Levamos ela para passear com cachorro fomos ao park com ela, fomos com ela pra casa do Pedro e levamos a Mariana. Pedro se divertiu muito com Mariana os dois brincaram muito. Pedro levou a sério a brincadeira ele foi bem responsável ao não perdê-la. No domingo, Mariana foi apresentada à família inteira.

ALUNO(A) PEDRO FRANK SOUSA

FAÇA O DESENHO COM A MARIANA



ESCOLA CLASSE 415 NORTE

2º PERÍODO - PROJETO CONVIVÊNCIA

FAMÍLIA, AJUDE SEU/SUA FILHO(A) A DIZER COMO FOI A VISITA DA MARIANA

Hoje, foi bastante divertido, pois tivemos a visita da Mariana, que ao longo da tarde Duda e Mariana brincavam de boneca. Duda fez o seu boneco da tarde com sua amiguinha, logo se dando conta que tinha que mudar de roupa da amiguinha, Duda quis muito fazer um novo vestido para Mariana, mas não foi possível pelo tempo, assim ficando para outra oportunidade de visita.

ALUNO(A) MARIA EDUARDA

FAÇA O DESENHO COM A MARIANA



ESCOLA CLASSE 415 NORTE

2º PERÍODO - PROJETO CONVIVÊNCIA

FAMÍLIA, AJUDE SEU/SUA FILHO(A) A DIZER COMO FOI A VISITA DA MARIANA

Hoje, esse final de semana foi muito legal, fui para a casa de uma amiguinha chamada Angelina, lá brincamos muito, junto com a Sophia, nós nos divertimos muito, brincamos de esconde-esconde, até nos cansarmos. Apresentei a Mariana para outras amiguinhas que também brincaram ~~com~~ juntas, tivemos muito prazer e memórias. Dei a ela uma roupa nova para ela, para que fique mais bonita. Dei o final de semana com a Mariana, e espero que nós visitemos outras vezes.

ALUNO(A) ISABELLE SOPHIA

FAÇA O DESENHO COM A MARIANA



ESCOLA CLASSE 415 NORTE

2º PERÍODO- PROJETO CONVIVÊNCIA

FAMÍLIA, AJUDE SEU/SUA FILHO(A) A DIZER COMO FOI A VISITA DA MARIANA

Hoje eu trouxe a Mariana para casa e foi muito legal, minha avó brincou comigo e a Mariana, arrumou o cabelo dela. A Mariana ficou linda. Assisti o chaves, as chiquititas e o Coração Juntos com a Mariana. Ele é muito gentil, sabe e me ensinou muitas coisas como ser educado e gentil como meu irmão. Adorei o dia com a Mariana e quero ficar com ela novamente.

ALUNO(A) Bríckia Costa Portillo

FAÇA O DESENHO COM A MARIANA



ESCOLA CLASSE 415 NORTE

2º PERÍODO- PROJETO CONVIVÊNCIA

FAMÍLIA, AJUDE SEU/SUA FILHO(A) A DIZER COMO FOI A VISITA DA MARIANA

lá foi muito bom nós passamos bastante tempo para plantar as sementes e plantar o milho, agente se divertiu bastante porque gostei muito de brincar com Mariana. Gostei muito de ficar com Mariana e espero que ela sinta o mesmo que eu senti.

ALUNO(A) Sofia Rodrigues

FAÇA O DESENHO COM A MARIANA



ESCOLA CLASSE 415 NORTE

2º PERÍODO- PROJETO CONVIVÊNCIA

FAMÍLIA, AJUDE SEU/SUA FILHO(A) A DIZER COMO FOI A VISITA DA MARIANA

O fim foi ótimo, passeamos. Mariana conheceu os pais da Sofia, eles ficaram muito, Sofia foi bastante carinhosa e atenciosa. O pai não foi muito porque ficou com crise de asma. Tivemos que ficar em casa cuidando dele por isso minha mãe não pôde ir para comprar roupas para Mariana mas gostaria que ela voltasse novamente a minha casa pois somos grandes amigos.

ALUNO(A) Sofia Natalia Dourado de Silva

FAÇA O DESENHO COM A MARIANA



14/04/15

ESCOLA CLASSE 415 NORTE

2º PERÍODO- PROJETO CONVIVÊNCIA

FAMÍLIA, AJUDE SEU/SUA FILHO(A) A DIZER COMO FOI A VISITA DA MARIANA

Fiquei muito feliz em levar a Mariana pra casa. Minha mãe achou o máximo. Falei para meus irmãos da visita da Mariana e eles ficaram curiosos para conhecê-la. Pena que o tempo foi muito curto. Mariana é uma menina simpática. Ficou gostando de desenhar comigo, como desenhar, e no hora de dormir foi desentinho para mim. Ah! Mariana é muito louca, ficou "pedindo" para tirar o vestido e pintar o corpo o tempo todo. Quando meu pai chegou ele finalmente conheceu a Mariana, ele conversou com ela. Foi um dia muito feliz.

ALUNO(A) GABRIEL

FAÇA O DESENHO COM A MARIANA



6/04/15

ESCOLA CLASSE 415 NORTE

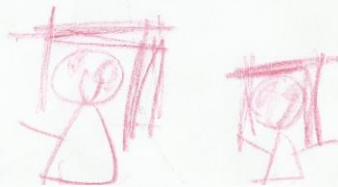
2º PERÍODO- PROJETO CONVIVÊNCIA

FAMÍLIA, AJUDE SEU/SUA FILHO(A) A DIZER COMO FOI A VISITA DA MARIANA

(Mariana) foi uma semana muito bonita que chegou para alegrar a casa. Eu apresentei para meus pais meus irmãos e meus avós. Eu gostei muito de ficar com ela por que eu brinquei muito com ela, levei ela para passear e andar de bicicleta, assistir filme com ela e brinquei muito com ela a minha semana foi muito legal com a Mariana.

ALUNO(A) LAURA

FAÇA O DESENHO COM A MARIANA



14/05/15

ESCOLA CLASSE 415 NORTE

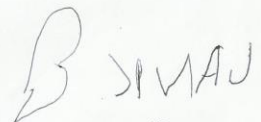
2º PERÍODO- PROJETO CONVIVÊNCIA

FAMÍLIA, AJUDE SEU/SUA FILHO(A) A DIZER COMO FOI A VISITA DA MARIANA

hoje eu trouxe a minha amiguinha Mariana para casa eu apresentei ela pro meu pai e pro minha mãe e meus irmãos, aqui em casa ela assistiu televisão com mim e jogamos no tablet brincamos de cozinhar e mais foi visitar a minha tia. Gostei na casa dela apresentei ela a minha prima minha família gostou muito da presença da Mariana não esperamos que ela volte outras vezes para nos visitar não gostamos muito dela.

ALUNO(A) LAYCES da Silva Santos

FAÇA O DESENHO COM A MARIANA



04/05/15

ESCOLA CLASSE 415 NORTE
2º PERÍODO- PROJETO CONVIVÊNCIA
FAMÍLIA, AJUDE SEU/SUA FILHO(A) A DIZER COMO FOI A VISITA DA MARIANA

Hoje trouxe uma amiga para casa para passar o dia
comigo. O nome dela é Mariana; Assim que cheguei em casa
apresentei a minha mãe a minha amiga. Chegando fui
almoçar e levei Mariana comigo para participar do meu
dia-dia; depois fomos assistir desenho; Adorei estar com Mariana
nos divertimos muito. Espero que volte mais vezes Mariana, foi
ótimo passar o dia com você.

Miguel.

MIGUEL

ALUNO(A)

⇒ MIGUEL

FAÇA O DESENHO COM A MARIANA

